



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Andréia da Cruz Pinha

**O item lexical *mas*: uma descrição sintático-semântico-discursiva nas
crônicas de Luis Fernando Verissimo**

Rio de Janeiro
2008

Andréia da Cruz Pinha

O item lexical *mas*: uma descrição sintático-semântico-discursiva nas crônicas de Luis Fernando Verissimo

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques

Rio de Janeiro
2008

P654 CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

Pinha, Andréia da Cruz.

O item lexical *mas* : uma descrição sintático-semântico-discursiva
nas crônicas de Luis Fernando Veríssimo/ Andréia da Cruz Pinha.

– 2008.

113 f.

Orientador: Claudio Cezar Henriques

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Lexicografia – Teses. 2. Crônicas brasileiras – Teses. 3. Veríssimo, Luis Fernando, 1936- – Teses. I. Henriques, Claudio Cezar. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-3

Andréia da Cruz Pinha

**O item lexical *mas*: uma descrição sintático-semântico-discursiva nas crônicas de Luis
Fernando Verissimo**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 28/03/2008

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques (Orientador)
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a Dr^a Vania Lúcia Rodrigues Dutra
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a Dr^a Andréa Rodrigues Naylor
Universidade Estácio de Sá (UNESA)

Rio de Janeiro
2008

DEDICATÓRIA

A Victor, presente maior da minha vida.

À minha mãe, amiga de sempre.

AGRADECIMENTOS

Aos meus irmãos, Daniel, Denis e Júnior, pelo companheirismo constante.

Ao meu pai, pelo melhor que pôde fazer no período de elaboração do meu trabalho.

A Maria das Neves, pelo apoio essencial ao cuidar de meu filho.

A Marion, minha analista, pelo estímulo para conquistar meus objetivos (e para realizar meus sonhos).

A Márcia, amiga de infância, pela boa vontade e atenção com que separou os textos do *corpus*.

Ao professor Claudio, pela orientação segura e pela compreensão admirável.

A Alexandre, pelo carinhoso incentivo, mesmo à distância.

A Maria de Lourdes e a Gilberto, pelo auxílio na impressão do trabalho e pelo afetuoso interesse.

A Maria Figueiredo e a Maria Cristina, colegas de trabalho, pela disponibilidade com que me ajudaram na fase final deste trabalho.

A Copa é um grande negócio e um grande acontecimento cultural internacional e coisa e tal, *mas* também não é só isso. Mexe com essa coisa indefinível que é a relação das pessoas com os símbolos dos seus afetos, que podem ser só um escudo e uma camiseta, *mas* representam muito mais, seja lá o que for. [grifos nossos]

Luis Fernando Verissimo

SINOPSE

Estudo do item lexical *mas* nas crônicas de Luis Fernando Verissimo a partir de uma descrição sintático-semântico-discursiva. Classificação e análise do vocábulo *mas* segundo sua posição nos enunciados.

RESUMO

PINHA, Andréia da Cruz. *O item lexical mas*: uma descrição sintático-semântico-discursiva nas crônicas de Luis Fernando Verissimo. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Esta dissertação consiste primordialmente na descrição e interpretação do item lexical *mas* nas crônicas de Luis Fernando Verissimo, seguindo uma abordagem sintático-semântico-discursiva. O vocábulo *mas* é identificado nos textos de acordo com sua posição nos enunciados e analisado a partir desse ponto de inserção. Devido à variedade de emprego de tal item lexical, relacionando termos, orações, períodos, parágrafos e porções maiores de texto, evidenciou-se seu papel na construção da coesão, da progressão textual, da coerência, da delimitação de etapas discursivas e da orientação argumentativa dos segmentos de discurso. Pretendeu-se uma melhor compreensão das crônicas de Luis Fernando Verissimo através da marca lingüística do item lexical *mas*.

Palavras-chave: Item lexical *mas*. Discurso. Argumentação.

ABSTRACT

This dissertation consists of primarily in the description and interpretation of the lexical item *but* in crónics of Luis Fernando Verissimo following a syntax-semantics-discursive approach. The word "but" is identified in texts in accordance with its position in a sentence and analyzed from this insertion point. Due to the variety of implementations of such lexical item and related terms, sentences, periods, paragraphs and larger portions of text, its role in the construction of cohesion, coherent textual progression, limitations of discursive phases, and the argumentative orientation of the discourses was evidenced. A better understand of the crónics of Luis Fernando Verissimo is accomplished through the linguistic mark of the lexical item *but*.

Key words: The lexical item *but*. Discourse. Argumentation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1- A CRÔNICA E LUIS FERNANDO VERISSIMO	14
1.1 – A história da crônica	14
1.2 - O gênero textual crônica	18
1.3 - Luis Fernando Verissimo e seus textos	20
2- QUESTÕES TEÓRICAS	24
2.1 – Abordagem dos dicionários	24
2.2 – Abordagem das gramáticas normativas	27
2.3 – Outras opiniões	29
2.3.1 – <u>A argumentação</u>	39
3- ANÁLISE DO ITEM LEXICAL MAS	47
3.1- Classificação morfológica	48
3.2 – Classificação do vocábulo <i>mas</i> de acordo com sua posição nos enunciados	49
3.3 – Análise do <i>mas</i> a partir de seu ponto de inserção nos segmentos discursivos	50
3.3.1 – <u>Orientação argumentativa dos enunciados do <i>mas</i></u>	64
4- CONCLUSÃO	69
5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
6- ANEXOS	77

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu do interesse em compreender o funcionamento do item lexical *mas*, considerado a conjunção adversativa por excelência além de operador discursivo, em um gênero textual jornalístico que, ao mesmo tempo comprometido com os acontecimentos da atualidade, do dia-a-dia, possibilita ao seu autor a recriação dessa realidade: a crônica. Assim, chega-se a Luis Fernando Verissimo, escritor consagrado desse gênero.

Nosso *corpus* constitui-se de 36 crônicas de Verissimo, publicadas em *O Globo*, no Caderno de Esportes – *Copa 2006* (de 04 de junho a 09 de julho de 2006). Tais textos apresentam algumas peculiaridades que os distinguem das habituais crônicas de Verissimo. A primeira delas refere-se à apresentação: há uma espécie de lide embaixo do título, que fica sempre à esquerda. Além disso, em sua maioria (34 crônicas), são compostos de colunas¹ (até 6 colunas) e todos têm embaixo do cabeçalho **VERISSIMO** o nome da cidade alemã onde está o cronista (mesma cidade, geralmente, da seleção brasileira). A segunda particularidade refere-se à temática, que é única: os textos abordam assuntos relativos à Copa do Mundo de 2006, envolvendo todo o “universo” desse evento: seleções de futebol, técnicos, arbitragem, torcedores, o país que sediou a Copa (Alemanha) e os demais países que participaram da Copa, dentre outros.

Verissimo, ao lado de outros colunistas, ficou responsável pelo registro desse evento esportivo no Caderno da Copa, assistindo, para isso, a muitos jogos.

A ambigüidade desse gênero, misto de literatura e de jornalismo, propicia a Verissimo uma maior liberdade de expressão no veículo jornal, servindo-se o cronista tanto do registro formal da escrita, quanto da informalidade da oralidade, enriquecendo suas histórias com os recursos expressivos da língua.

¹ Cada uma das faixas ou divisões verticais, freqüentemente padronizadas, de uma página (de livro, periódico, folheto) ou de tabela que se separam por um canal (espaço) ou por um filete. (Houaiss, 2001:765)

Desse modo, observando que o item lexical *mas* tem grande incidência nesses textos, pretendemos, a partir de uma descrição sintático-semântico-discursiva, compreender de que maneira esse vocábulo atua na construção das crônicas de Verissimo, realizando-se, assim, na língua viva do autor. Temos uma hipótese inicial de que os enunciados do *mas* destacam “situações-problema” referentes aos jogos da Copa do Mundo, mais especificamente (naturalmente) aos jogos do Brasil. Haveria, assim, a possibilidade de o *mas*, devido a tantas “situações-problema” existentes na Copa, representar metonimicamente o fracasso do Brasil nessa competição e a conseqüente frustração, decepção dos brasileiros com esse resultado.

Embasaremos essa análise no registro do *mas* nos dicionários de Ferreira (1999) e de Houaiss (2001), nas gramáticas normativas de Bechara (1999, 2001), de Cunha & Cintra (2001) e de Lima (1998), além de apropriarmos-nos de pressupostos teóricos de alguns estudos de Azeredo (1999, 2004), Carone (2003), Ducrot (1989), Guimarães (2001), Henriques (2003), Koch (1989, 2002), Oliveira (1995, 2000, 2004), Neves (2000), Perini (1992), Perrotti (1992), Rodrigues (1993), Santos (2003) e Vogt & Ducrot (1980).

A dissertação será dividida em três capítulos. No capítulo 1, procederemos à abordagem do gênero textual crônica, com elucidações sobre a sua origem e percurso até a concepção atual; ainda será dado destaque ao conceito de gênero textual, além de traçarmos um perfil do escritor Verissimo e de sua obra. No segundo, apresentaremos a fundamentação teórica. No capítulo 3, faremos a análise do item lexical *mas*, que será dividida em: classificação morfológica do *mas*; verificação de sua incidência de acordo com sua posição nos enunciados e descrição do *mas* a partir dessa inserção.

1- A CRÔNICA E LUIS FERNANDO VERISSIMO

Neste capítulo, trataremos do gênero textual crônica, esclarecendo sua origem e evolução até a acepção atual. Além disso, será destacada a noção de *gênero textual*, com a inclusão da crônica nesse conceito. Por fim, apresentaremos o cronista Luis Fernando Verissimo, autor dos textos do *corpus*, e sua obra.

1.1 - A história da crônica

Pero Vaz de Caminha descreveu o que viu e sentiu de uma maneira muito pessoal, mentiu um pouco, fez a sua literaturazinha e até as suas graças (quando usou “vergonha” nos seus dois sentidos, referindo-se à genitália da nativa e ao sentimento que ela não tinha ao expô-la, fazendo assim o primeiro trocadilho do Brasil) e principalmente precisou escrever às pressas, pois o barco de mantimentos que voltaria a Lisboa com a notícia do “achamento” tinha prazo certo para sair. Quer dizer, Caminha foi o nosso primeiro protocronista.

(Luis Fernando Verissimo, Somos todos filhos de Caminha. In: *Caros Amigos*.abr.2000:9)

Os primeiros escritos da vida do Brasil registraram “informações que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro.” (Bosi, 1994:13). Desse modo, uma vez que tais textos configuram-se como informação, não pertencem à “categoria do literário, mas à pura crônica histórica”. (*op. cit.* :13)

Bosi confere a esses textos a importância de “testemunhos do tempo”, pois

É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte. (*id.: ibid.*)

Dentre as principais produções da “literatura” de informação, estão:

- a) a *Carta* de Pero Vaz de Caminha;
- b) o *Diário de navegação* de Pero Lopes e Sousa (1530);
- c) o *Tratado da terra do Brasil* e a *História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, de Pero de Magalhães Gândavo (1576);

d) a *Narrativa epistolar* e os *Tratados da terra e da gente do Brasil* do jesuíta Fernão Cardim (a primeira de 1583);

e) o *Tratado descritivo do Brasil* de Gabriel Soares de Souza (1587);

f) as *Cartas* dos missionários jesuítas escritas nos dois primeiros séculos de catequese;

Em relação à *Carta* de Caminha, Sá (*apud* Cereja & Magalhães, 2005:285) esclarece que “a observação direta é ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude.” Assim, tal atribuição de realidade garante aos fatos sua permanência e lembra ao leitor que “a realidade – conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances.” (*op. cit.*: 285) Desse modo, a partir de Caminha, estabeleceu-se o princípio básico da crônica: registrar o essencial.

Esse conceito de crônica como registro de fatos históricos permaneceu praticamente até o século XIX, quando se instaurou sua concepção moderna, que provém dos chamados *folhetins*, conforme elucida Laurito (*apud* Hartuique, 2003:144):

A crônica, no sentido em que o termo é comumente usado hoje para designar um texto jornalístico que aborda os mais diversos assuntos, nasceu de um filão que começou no século XIX, na França, e que se transplantou com sucesso para o Brasil.

Esse filão era chamado *folhetim*. E o que era esse folhetim? Era um espaço livre no rodapé do jornal, destinado a entreter o leitor e a dar-lhe uma pausa de descanso, em meio à enxurrada de notícias graves e pesadas que ocupavam – como sempre ocuparam – as páginas dos periódicos. Com o tempo, a acolhida do público com relação a esse espaço foi aumentando, e o folhetim passou a ser um chamariz para atrair leitores.

Havia dois tipos de folhetim: o folhetim-romance e o folhetim-variedade. Este abordava assuntos variados, comentando o dia-a-dia da cidade, do país, do mundo, sempre com reflexões leves para conquistar os leitores; aquele foi o precursor das radionovelas e telenovelas do século XX, com aventuras romanescas que, reunidas, originaram romances, como *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, ou *O Moço Loiro*, de Joaquim Manuel de Macedo.

Machado de Assis, metalingüisticamente, também apresentou as características do gênero que originou a crônica de hoje:

O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo de espírito moderno; falo do jornal.

O folhetim ... nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo (...).

Efeito estranho é este, produzido pela afinidade assinalada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à leviandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; o capital próprio.

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política. (*Aquarelas* : 30/10/1859 *apud* Cara, 2003:39-40)

Segundo Moisés (*apud* Madeira, 2005:21), no século XIX, “o vocábulo *crônica* se reveste de um sentido estritamente literário e nessa época, beneficiando-se da ampla difusão da imprensa, adere ao jornal.” Sendo assim, para se compreender a crônica, “é necessária uma reflexão acerca do jornal (ou revista) como veículo de informação e cultura.” (*op. cit.*: 21)

Comenta Ferreira (2002:18) que “em sua evolução para a crônica”, o folhetim passou “a ser um texto mais sucinto, mais econômico quanto ao espaço.”

Por sua vez, Oliveira (2003:52), admitindo ser a crônica, de certo modo, um gênero híbrido: misto de literatura e de jornalismo, atribui a ela “uma visão fragmentária e caleidoscópica da realidade”. Assim, para explicar a relação da crônica com o jornalismo, a autora menciona a “afinidade do jornalismo com a cena do real²” e, quanto à literatura, compara a crônica ao conto, ressaltando suas diferenças: este “possui partes muito mais estruturadas e interdependentes, satisfazendo plenamente a necessidade de completude a que serve a ficção.” (*op. cit.*: 52-53)

Lembramos ainda que, como bem observou Machado de Assis (*Aquarelas*: 30/10/1859 *apud* Cara, 2003:39), a estreita ligação da crônica com o jornalismo remete à sua própria origem: “o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista.”

Do mesmo modo, Bender (*apud* Hartuique 2003 :145), constatando esse hibridismo intrínseco à crônica, acrescenta que

² É, segundo terminologia de Charaudeau (1983), a “encenação” comprometida com os efeitos de realidade.

O exercício da crônica pode permitir ao prosador que seja também poeta, ao jornalista que seja filósofo ou místico, ao contador de casos que seja um historiador do cotidiano ou um trágico que a ela se dedique.

Assim, Otto Lara Resende (*apud* Braga, 1988:9), ao referir-se a Rubem Braga como “cronista ou poeta-cronista”, ou ainda Manuel Bandeira (*apud* Braga, 1988:8) ao falar sobre “a inefável poesia que é só do Braga, sempre bom e, quando não tem assunto, então é ótimo.”, são exemplos dessa identidade da crônica com a literatura.

Por sua vez, Machado de Assis, afirmando ser do cronista o papel de “poeta menor”, já deixava transparecer em seu texto o que hoje, ainda, é de opinião de alguns cronistas e teóricos: a crônica ser um gênero “menor”:

Semana e finanças são hoje a mesma coisa. E tão graves são os negócios financeiros, que escrever isto só, pingar-lhe um ponto e mandar o papel para a imprensa, seria o melhor modo de cumprir o meu dever. Mas o leitor quer os seus **poetas menores**. Que os poetas magnos tratem os sucessos magnos; ele não dispensa aqui os assuntos mínimos, se os houve, as reflexões leves e curtas. (*A semana*: 14/08/1892 *apud* Cara, 2003: 1999)[grifo nosso]

Tal fato se deve à aparente simplicidade desse gênero que, ao tratar de diversos assuntos, às vezes de maneira irreverente, causa a impressão de um tipo de texto fácil de escrever. Sobre isso Laurito (*apud* Hartuite 2003:145) afirma:

Gênero aparentemente – e só aparentemente – fácil, a crônica exige uma espécie de descompromisso do autor no tratamento do assunto, que deve ser abordado de forma ligeira e atraente para o público leitor; por outro lado, esse suposto descompromisso do cronista – sujeito comprometidíssimo com o seu ofício – não implica mediocrização do texto. E é o talento do autor que vai dar estatura maior a um gênero comumente considerado um modo menor de ficção.

Conferindo também à crônica a marca de brevidade, Coutinho (*apud* Madeira 2005: 18) define o gênero como “um comentário ligeiro ou uma divagação pessoal feita com bom gosto literário e ligada estreitamente à idéia de imprensa periódica”. Além disso, considera-a uma “reportagem disfarçada, subjetiva, às vezes lírica”. Quanto ao cronista, o autor aponta a “simpatia humana” como condição essencial a seu ofício “cujo tom de conversa e de bate-papo se apresenta como garantia de um diálogo mais ou menos permanente com o seu leitor.”

Muitos cronistas, além de Machado de Assis, também se debruçaram, fazendo uso da metalinguagem, para refletir sobre seu fazer. Dentre eles, citamos Rubem Braga, Afonso Romano de Sant'Anna e Carlos Heitor Cony.

Rubem Braga (*apud* Madeira, 2005:24) caracterizou a crônica como “uma espécie de prolongamento de conversa” e uma “meio- literatura apressada”.

Já Afonso Romano de Sant'anna (*apud* Madeira, 2005:25) descreveu o cronista como “um comentarista ou colunista que elabora a linguagem literariamente e lhe dá transcendência [quando suas crônicas são publicadas em um livro]... um jornalista a quem é dado falar em primeira pessoa”.

Segundo Carlos Heitor Cony (*apud* Madeira, 2005:27), a crônica é resultado do momento em que “a informação e a opinião não são suficientes para o leitor; seria ela uma oferta de reflexão sobre os fatos, trazidos agora pelo olhar do escritor.”

Desse modo, a crônica na sua atual concepção pode ser caracterizada como:

um produto da urgência do tempo, por meio do qual são expressas impressões pessoais sobre um ou vários fatos ou temas, submetidos por vezes ao olhar bem humorado do cronista e, não necessariamente, fiel à realidade. (Madeira, 2005:31)

1.2- O gênero textual *crônica*

(...) a comunicação verbal só é possível por algum *gênero textual*. (Marcuschi, 2003:22)[grifo do autor]

No dicionário Houaiss, dentre as acepções de *crônica* registradas, a que podemos atribuir aos textos de Luis Fernando Verissimo, analisados em nosso *corpus*, é a seguinte:

Coluna de periódico, assinada, com notícias, comentários, algumas vezes críticos e polêmicos, em torno de atividades culturais (literatura, teatro, cinema etc.), de política, economia, divulgação científica, desportos etc., atualmente também abrangendo um noticiário social e mundano.

A temática dessas crônicas de Verissimo, publicadas no Caderno de Esportes - *Copa 2006*, do jornal *O Globo*, como veremos no decorrer deste trabalho, foi a Copa do Mundo de

2006 e todo o “universo” que esse evento abrangeu: as seleções de futebol, os técnicos, a arbitragem, os torcedores, o país que sediou a Copa (Alemanha), os demais países que também participaram dos jogos, dentre outros assuntos.

Assim, nesta pesquisa, adotaremos a posição de Marcuschi (2003) e trataremos as crônicas de Verissimo como um *gênero textual*, pertencente ao *domínio discursivo jornalístico*.

Desse modo, para Marcuschi (op. cit.: 23), *gênero textual* é um “texto materializado”, encontrado em nosso dia-a-dia e que apresenta características “sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.” Além disso, o autor esclarece que há inúmeros gêneros textuais, dentre eles: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, instruções de uso, bula de remédio, outdoor, carta eletrônica* e assim por diante. Destaca ainda que essa noção é diferente da de *tipo textual*, que “designa uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}.” (*id. : ibid.*). Assim, haverá cinco *tipos de texto: narrativo, argumentativo, expositivo, descritivo e injuntivo*.

Já *domínio discursivo* designa

uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios* não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc. (*id.: ibid.*)

Beltrão (*apud* Santana, 2003 :112) , embora seguindo terminologia diferente – chama *gênero jornalístico* a que Marcuschi (2003) chama *domínio discursivo jornalístico* – apresenta uma classificação que nos parece também importante para a definição das crônicas de Verissimo. Assim, Beltrão classifica o *gênero jornalístico* em três categorias, conforme sua função predominante: *jornalismo informativo* (informar); *jornalismo interpretativo* (explicar) e *jornalismo opinativo* (orientar). À primeira categoria pertencem: *notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem*; à segunda, *reportagem em profundidade* e à terceira, *editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor*.

Dessa forma, adaptando essa posição para Marcuschi, podemos acrescentar que as crônicas de Verissimo são um *gênero textual*, pertencente ao *domínio discursivo jornalístico* do tipo *opinativo*.

1.3- Luis Fernando Verissimo e seus textos

Seus [de Verissimo] textos não são, como se diz, machadianos, mas verissimianos. (Zuenir Ventura, 2001:47)

Luis Fernando Verissimo começou a trabalhar no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, em 1966. Depois, segundo o autor (*Revista Entrelivros*: março 2006), “Quando me deram um espaço assinado no jornal, eu virei cronista [em 1969]. Foi meio por acidente, portanto.” Atualmente o cronista escreve em *O Globo*.

Quanto à importância da obra de seu pai, Érico Verissimo, o autor comenta em entrevista à *Revista Entrelivros* (março 2006):

Acho que o jeito de escrever do meu pai, mais informal, com uma temática urbana, influenciado pela literatura anglo-saxônica quando o mais comum era a influência francesa ou ibérica, marcou toda uma geração, e a mim também.

Um apaixonado por música – toca sax desde a época em que morou nos Estados Unidos – : “... a música é sempre um prazer para mim”. Já a escrita é considerada “um ofício.” Assim, quando perguntado em entrevista à *Revista Entrelivros* (março 2006) acerca da dificuldade ou facilidade de elaboração de um livro sob encomenda, o autor destacou a importância do resultado final do trabalho, ou seja, se o livro ficou bom ou não, independentemente de sua gênese. Acrescentou ainda que “para um jornalista, a musa inspiradora é sempre o prazo de entrega.”

Sobre a sua tão conhecida timidez, Verissimo, ainda na mesma entrevista, declara que ela desaparece quando ele escreve e, nesse sentido, o autor admite ser a escrita uma forma de compensar a sua dificuldade de expressão.

Respondendo também à questão de ser a crônica um gênero ainda considerado menor, Verissimo (*Revista Entrelivros*: março 2006) não concorda com tal posição, destacando escritores que só fizeram crônica, dentre os melhores escritores brasileiros, como: Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, que também era poeta, e Antônio Maria. Como argumento, menciona que “Muitos deles foram profundos, escrevendo com aparente superficialidade.” Excluindo-se com humildade desse grupo, afirma ser “a crônica um gênero respeitável de literatura, pelo menos a crônica do tipo brasileiro.”

Como conseqüência desse ofício, tornou-se um dos escritores mais vendidos do país. Desse modo, tentando explicar tal sucesso, Verissimo comenta: “Os livros são de textos curtos, quase sempre bem humorados, de fácil leitura, e acho que aí também funciona um pouco de sorte.” (*Revista Entrelivros*: março 2006). No entanto, seus comentários, como já vistos, tendem quase sempre a minimizar a qualidade de sua produção: “Algumas crônicas a gente lê e depois se admira com o que fez, mas não acho que o que eu faço tenha muito valor literário, ou importância.” (*O Globo*: 24/09/2006)

Por outro lado, seus colegas (e seus leitores) pensam de maneira bem diferente. Assim, Moacyr Scliar, quando convidado a falar sobre Verissimo, para uma reportagem de *O Globo* em comemoração aos setenta anos do escritor, lembra:

– Verissimo é o silêncio mais eloqüente que já vi. Cronista da estirpe de um Rubem Braga, tem domínio espantoso do idioma, humor fino e uma sublime capacidade de criar personagens que já se incorporaram à cultura brasileira, como o Analista de Bagé.

Isa Pessoa, da Editora *Objetiva*, acrescenta:

É quase inevitável admirar Verissimo, que nos envolve com sua erudição sem pose, a ética como traço de caráter, a gargalhada como requinte. Rir com ele é uma delícia. Porque não é o escritor que demonstra ser inteligente, que vira um pensador. É o leitor que ganha o dia, diverte-se, e, quem sabe, fica mais inteligente. Potente literatura.

Esse humor de Verissimo, que é traço reconhecidamente marcante em seus textos, apresenta-se sob forma diversa: “o texto sutil ou que provoca o riso fácil ou conduz à risada aberta ou leva ao reconhecimento da ironia” (Ferreira, 2002: 32). Além da ironia, que “funciona como condição de ruptura com a realidade que lhe serve de alvo.” (*op.cit.*: 31), o

escritor “se sobressai pelo olhar crítico com que analisa o mundo a sua volta e pela propriedade com que aborda os mais diversos assuntos.” (Madeira, 2005: 46).

Assim, tendo em vista que essa cuidadosa linguagem jornalística das crônicas de Verissimo alcança um número expressivo de leitores no jornal, é possível considerá-las exemplos da língua-padrão escrita contemporânea. Desse modo, concordamos com Henriques (2001:174), que argumenta:

considerada a grande diversidade do território brasileiro, sobretudo no que diz respeito à língua falada, parece-me lícito afirmar que o texto do jornal, hoje em dia, corresponde, em certos termos, ao que Eugenio Coseriu chama de língua exemplar guardadas as proporções em relação ao exagero que essa afirmação contém. A linguagem do jornal, que não é a “língua exemplar” *coseriana*, torna-se a “língua exemplar” da maior parte da população letrada, cuja leitura comezinha rigorosamente exclui a obra literária e ensaística.

Destacamos ainda que, por ser a crônica um gênero híbrido que oscila entre a literatura e o jornalismo, o cronista tem uma liberdade maior para exercer o seu ofício. Dessa maneira, encontramos, nas crônicas de Verissimo, o “convívio” da norma padrão com os recursos expressivos de que se vale o autor para escrever suas histórias. Sendo Verissimo, conforme declaração de Zuenir Ventura (2001:47), “o melhor exemplo de autonomia estética na linguagem da crônica jornalística.”

Assim, Oliveira (2004: 84) ensina que

a **língua literária** seria, em princípio, a variedade padrão artificada, mas pode dar-se ao caso de ela se desviar do padrão quando o desvio é esteticamente necessário (...). [grifo do autor]

Tal consideração se aplica às crônicas que se constituirão em objeto de nossa pesquisa, tendo em vista que, como observaremos, em algumas serão encontrados exemplos desses desvios que, sabiamente, Verissimo usou, propiciando a seu leitor uma empatia maior com o texto.

Além disso, devido ao seu caráter de conversa, de bate-papo, é freqüente em tal gênero a presença de marcas da oralidade, conferindo ao texto o tipo de registro informal.

Desse modo, será nessa rica, cuidadosa e variada linguagem de Verissimo, em um gênero ambíguo, misto de jornalismo e de literatura, que nos debruçaremos para analisar um item lexical recorrente em, praticamente, todos os textos do *corpus*: o *mas*. Como o

instrumento gramatical *mas* se realiza na língua viva desses escritos de Verissimo? De que maneira esse vocábulo insere-se na construção da tessitura das crônicas do autor, apresentando-se como marca ou pista de caminhos necessários a serem percorridos pelo leitor para uma melhor compreensão de seus textos?

Prosseguindo nossa investigação, buscaremos responder a essas questões.

2- QUESTÕES TEÓRICAS

(...) o funcionamento global de uma língua só pode ser devidamente explicado por um estudo integrado dos três componentes [sintático, semântico e pragmático]. (Koch, 2002:109)

Neste capítulo, apresentaremos os textos que selecionamos para sustentar teoricamente nosso objeto de pesquisa. Partimos do registro do item lexical *mas* em dois dicionários: Ferreira (1999) e Houaiss (2001). Em seguida, analisaremos o *mas* nas gramáticas normativas de Bechara (1999, 2001), Cunha & Cintra (2001) e Lima (1998), incluindo contribuições dos apontamentos de Henriques (2003) e Lapa (1998). Depois disso, serão apresentados oito estudos do *mas*: Azeredo (1999, 2004), Carone (2003), Garcia (2002), Perini (2001), Perrotti (1992), Neves (2000), Rodrigues (1993) e Santos (2003).

Como em nossa análise procuraremos também identificar a função argumentativa do *mas* e relacioná-la à construção da tessitura do texto, vamos deter-nos nas pesquisas de Ducrot (1989), Guimarães (2001), Koch (1989, 2002), Oliveira (1995, 2000), Perelman (1996) e Vogt & Ducrot (1980).

Assim, fundamentando-nos nessas teorias, procederemos à descrição sintático-semântico-discursiva do *mas*.

2.1- A abordagem dos dicionários

Em Ferreira (1999), o item lexical *mas* apresenta-se registrado sob a forma de quatro classes gramaticais: conjunção, advérbio, palavra denotativa e substantivo. Além disso, especificam-se na primeira categoria gramatical (conjunção) quatro acepções do *mas*: 1-

oposição ou restrição (“apanhei o embrulho e segui/ Segui, *mas* não sem receio.”) ; 2- no princípio de oração, indica relação com a idéia anterior (“- *Mas*, doutor, por que não a quer tratar?”); 3- causa (“Recebi-o mal, *mas* ele deu motivos para isso.”); 4- censura a palavras ou ações alheias (“- *Mas* como é que você fala mal do seu amigo?”)

Como advérbio, o *mas* denota corroboração do que se acabou de dizer (“Saiu-se muito bem, *mas* muito bem.”); sendo palavra denotativa, indica reforço (“Embora homens de trabalho ... não tinham as unhas roídas dos tintos. Tinham *mas* eram mãos adamadas.”). Por fim, assumindo o valor de substantivo, significa dificuldade, obstáculo, estorvo (“Este *mas* lhe atrapalha a vida.”) e, ainda, defeito, senão (“Afora esse *mas*, ele é perfeito.”).

A partícula inclui-se, ainda, na expressão *mas também* como reforço do sentido de *também*, em correlação com *não só* ou *não somente* (“Não só é talentoso, *mas também* esforçado.”). E como parte, também, em *nem mas nem meio mas*, expressão de quem não aceita desculpas ou controvérsias.

Por sua vez, Houaiss (2001) inicia a descrição do verbete *mas*, classificando-o como conjunção adversativa, com a função de ligar orações ou períodos que apresentam as mesmas propriedades sintáticas. Desse modo, o lexicógrafo, diferentemente de Ferreira (1999), acrescenta a seu registro uma definição sintática do *mas*.

Em seguida, aponta dez variações de sentido para a conjunção, sendo as acepções de oposição ou restrição as identificadas como básicas. Esses diferentes valores semânticos do *mas* são:

- 1- após uma negativa, estabelece (ou restabelece) a verdade sobre determinado assunto (“não o fez, *mas* gostaria de tê-lo feito”);
- 2- classifica o que foi dito como irrelevante, ou contrasta uma interpretação (“era negligente e perdulário, *mas* tinha um coração de ouro”);
- 3- depois de *sim* ou *não*, acrescenta um comentário para indicar que esse *sim* ou esse *não* não expressam perfeitamente o que se quis dizer e que algo mais precisa ser dito (“liberdade, *sim, mas* com limites”; “obesa, *não, mas* um tanto gordinha”);
- 4- indica que se vai passar para outro assunto diferente (a alta do dólar é o tema de hoje, *mas* vamos primeiro ao noticiário local”);
- 5- introduz uma réplica feita a alguém, quando se deseja indicar relutância, descrença, recusa ou protesto (“- Agradeço, *mas* não posso aceitar. – *Mas* como? Você vai recusar minha oferta?”);

- 6- depois da referência feita a duas coisas parecidas, menciona a característica que as torna diferentes uma da outra (“os dois tinham a mesma altura, *mas* o mais velho era mais gordo”);
- 7- seguindo um pedido de desculpas pelo que se vai dizer, declara o que se julga necessário (“desculpe a franqueza, *mas* suas perguntas são muito tolas”);
- 8- enuncia opinião ou declaração que normalmente causa espanto, mas cuja importância parece tal que o autor se sente compelido a fazê-la (“pode ser uma aberração, *mas* quanto menos ela gosta de mim, mais eu gosto dela”);
- 9- ante uma determinada situação, enfatiza a surpresa, o espanto ou a admiração que se experimenta (“entende-se que ela o deixe por outro, *mas*, bolas, sem qualquer explicação!”) e
- 10- introduz a causa que explica uma ação anterior (“não me cumprimentou, *mas* devia estar distraído”).

Houaiss não classifica o *mas* como palavra denotativa e acrescenta, à já citada expressão *nem mas nem meio mas*, duas outras: *deixar de mas* (pôr um termo às hesitações) e *haver sempre um mas* (surgir em tudo um fator que dificulta, que contraria). Além disso, também registra o *mas* como substantivo e advérbio, da mesma forma que Ferreira (1999).

Houaiss indica, ainda, a etimologia do verbete (*op. cit.*: 1861):

português arcaico *mais* e, este, do latim *magis*; o valor adversativo originou-se do fato de, em muitos contextos em que se usava esta partícula, a idéia adversativa estar implícita, do que resultou a fixação desse sentido na partícula.

Assim como Ferreira (1999) e Houaiss (2001), Henriques (2003) também registra o *mas* em suas diferentes classes gramaticais: conjunção, palavra denotativa (ou advérbio) de ratificação ou de reforço e substantivo.

Quanto ao emprego do *mas* com valor de causa, identificado em ambos os dicionários, Lapa (1998:279 - 280) o justifica a partir do seguinte exemplo: “Maltratei-o, é verdade, mas tive para isso razões.” Assim, o autor explica que o matiz causal provém do subentendido em: “Admiram-se de que eu o tivesse maltratado, mas, se o fiz, é porque tive para isso fortes razões.”

Lapa (*op. cit.*:280) comenta que, nesse caso,

a partícula traduz um movimento de oposição ao espanto manifestado anteriormente. E essa atitude de resistência procura dar a explicação, o motivo daquele procedimento.

2.2- A abordagem das gramáticas normativas

Segundo Cunha & Cintra (2001:579), “conjunções são vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.”

Quando relacionam termos ou orações de mesma função gramatical, são chamadas de *coordenativas*, classificando-se em: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Quanto às adversativas, os gramáticos assim as explicitam: “são as que ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma idéia de contraste.” (*op. cit.*: 580). Essas conjunções são: *mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto*.

Observam, ainda, os autores que *mas* aparece obrigatoriamente no início da oração; as demais apresentam mobilidade posicional na frase.

Destacam, também, a possibilidade de, no discurso, a partícula *mas* assumir “múltiplos valores afetivos” (*id.*: 584):

- 1- restrição: “Continuou a conversa interrompida com a senhora gorda, que tinha muitos brilhantes, **mas** uma terrível falta de ouvido, porque não se pode ter tudo.”;
- 2- retificação: “Eram mãos nuas, quietas, essas mãos; serenas, modestas e avessas a qualquer exibicionismo. **Mas** não acanhadas, isso nunca.”
- 3- atenuação ou compensação: “Vinha um pouco transtornado, **mas** dissimulava, afetando sossego e até alegria.”
- 4- adição: “Anoitece, **mas** a vida não cessa.”

Além disso, ressaltam a importância de *mas* “para mudar a seqüência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso” (*id.*: 585), citando como exemplo: “*Mas* continua. Não te esqueças do que estavas a contar.”

Classificam também o *mas* como palavra denotativa de situação: “Desculpe-me ... *Mas* sente-se mal?” (*id.* 553)

Já Bechara (1999) define as conjunções coordenativas como conectores, com função de ligar unidades independentes, sejam elas orações ou termos, desde que possuam “mesmo valor funcional dentro do mesmo enunciado” (*op. cit.*:319)

Comparando as conjunções coordenativas às subordinativas, o gramático comenta que aquelas servem para “juntar” duas orações; estas marcam o processo por que se transpõe uma oração independente para funcionar como membro de outra oração.

Desse modo, Bechara ensina (*id.*: 464) que “só haverá orações ou períodos compostos, quando houver coordenação”; no caso da subordinação, há “orações complexas, isto é, que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representativos sob forma de outra oração.”

Considera o gramático, de modo distinto de Cunha e Cintra (2001), a existência de apenas três tipos de conjunções coordenativas: aditivas, adversativas e alternativas, definindo as adversativas como as que relacionam unidades marcando uma oposição entre elas: *mas*, *porém*, *senão*.

As orações classificadas tradicionalmente como conclusivas e explicativas, segundo Bechara (*id.*: 322), são mais bem representadas por “advérbios que estabelecem relações inter-oracionais ou intertextuais.”

Observa ainda o autor que, enquanto as aditivas e alternativas podem ligar duas ou mais unidades, as adversativas restringem-se a duas.

Além disso, Bechara (*id.*: 291), apontando como exemplo a frase “Mas que felicidade!”, classifica o *mas* como palavra denotativa de situação, afirmando que muitas das palavras denotativas “têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas.” (*id.*: *ibid*)

Constata, também, o gramático (2001:120) que no registro coloquial há o emprego de *mas* “no início do período, sem nenhuma idéia de oposição, para chamar a atenção do ouvinte: “Mas, meu amigo, o que você tem com isso?”

Quanto a esse uso de *mas* em início de período, porém em textos mais formais, Henriques (2003:96) observa que “pode caracterizar simplicidade expressiva” e sugere o emprego de outras conjunções, tradicionalmente classificadas como adversativas, ou a substituição da estrutura coordenada pela da oração concessiva.

O *mas* pode, ainda, enfatizar a idéia de adição, quando presente nas expressões correlativas:

não só... mas (também)

não só... mas (ainda)

A respeito deste procedimento de correlação, Azeredo (2004: 156) observa que ele é

usual na linguagem da argumentação, utilizado para dar idêntico realce às unidades conectadas... é um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso, e não um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação.

Em Lima (1998: 184), as conjunções coordenativas são definidas como “palavras que relacionam dois elementos da mesma natureza (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, advérbio + advérbio, oração + oração, etc.)”.

O autor subdivide as coordenativas em cinco: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas. Porém, observa que somente as três primeiras podem, além de ligar orações, estabelecer a relação entre termos da mesma natureza gramatical.

Rocha Lima define as adversativas como as que “relacionam pensamentos contrastantes” (*op. cit.*: 185), destacando o *mas* como “a conjunção adversativa por excelência” e verificando, do mesmo modo que Cunha & Cintra (2001) e Bechara (1999), que o *mas* somente é usado em início de oração, enquanto as demais conjunções, classificadas como adversativas, segundo a tradição gramatical, podem aparecer em diversas posições na oração.

2.3- Outras opiniões

Perini (2001: 143), ao comparar o processo de subordinação com o de coordenação, verifica que

a união observada entre orações coordenadas é de natureza muito menos estreita do que a que existe entre uma principal e suas subordinadas. Em muitos casos, a coordenação se aproxima dos fenômenos discursivos, muito menos dependentes da estrutura interna das formas lingüísticas e baseados, em vez disso, de preferência em fatores semânticos e cognitivos em geral.

Na mesma linha de argumentação, Garcia (2002:42) refere-se às conjunções coordenativas como elementos que “relacionam idéias ou pensamentos com um grau de travamento sintático por assim dizer mais frouxo do que o das subordinativas.”

Por sua vez, Azeredo (1999:116), da mesma forma que Perini, destaca o nível textual no processo de coordenação, observando que este procedimento “estabelece relações discursivas, por isso que desconhece os limites da oração...” Assim, podem coordenar-se vocábulos, sintagmas, orações e até parágrafos.

Prosseguindo seu estudo, Perini afirma que a coordenação pode ocorrer sem marca explícita, apenas justapondo duas orações, usando sempre algum sinal de pontuação, como no exemplo: “Seu bode comeu minha camisa, você vai pagar o prejuízo.” (*op. cit.*: 143)

O autor, em seguida, descreve o funcionamento dos coordenadores (denominação dada às conjunções coordenativas) *e*, *ou* e *mas*. Iniciando por *e*, pontua as características da concepção tradicional de coordenação:

- a) as duas orações podem ser separadas, opcionalmente, por pontuação;
- b) o coordenador vale para coordenar qualquer número de membros; nesse caso, em geral mas não obrigatoriamente, o coordenador só ocorre entre os dois últimos membros;
- c) o coordenador, quando não repetido, só pode ocorrer em uma posição, ou seja, logo antes da última oração;
- d) o coordenador pode servir para juntar quaisquer elementos coordenáveis: orações, sintagmas nominais, verbos ou adjetivos.

Perini faz uma ressalva quanto a estas características: somente *e* e *ou* as apresentam todas. Desse modo, o *mas* e os outros coordenadores empregam-se de maneiras diferentes.

Quanto ao uso de *mas*, observa o gramático, assim como Bechara (1999), que esse item lexical somente pode coordenar dois elementos, que, segundo Perini, são adjetivos ou verbos e não sintagmas nominais.

Também Neves (2000: 756) aponta restrições à coordenação com o *mas*, porém considera possível que este coordenador relacione dois sintagmas nominais, desde que o primeiro esteja negado: “não o menino, *mas* a mãe” .

A autora (*op. cit.*: 756) observa, ainda, a possibilidade de sintagmas não-oracionais coordenarem-se a sintagmas oracionais, se ambos exercerem a mesma função sintática: “Devem ser preferidas as bananas e as laranjas, ricas em todas as vitaminas, *mas* que não precisam ser absorvidas em quantidades excessivas.”

Em seguida, Neves (*id.*: 757) dedica-se à análise semântica do *mas*, considerado por ela um marcador de desigualdade entre dois segmentos, que podem ser sintagmas, orações e enunciados:

Nas relações de desigualdades há aspectos especiais marcados pelo uso do *mas*. A desigualdade é utilizada para a organização da informação e para a estruturação da argumentação. Isso implica a manutenção (em graus diversos) de um dos membros coordenados (em geral, o primeiro) e (também em graus diversos) a sua negação.

De acordo com a distribuição do *mas*, seu valor semântico tem especificações. Assim, ele pode indicar apenas contraposição ou, mais fortemente, eliminação.

Na contraposição, a oração que o *mas* inicia não elimina o elemento anterior; admite-o explícita ou implicitamente, mas a ele se contrapõe; na eliminação, a oração iniciada pelo *mas* elimina o membro coordenado anterior. Suposta ou expressa essa eliminação, o membro eliminado pode ser, ou não, substituído.

No caso da contraposição, esta pode se dar em: direção oposta, mesma direção ou direção independente.

Em direção oposta, são destacados os casos em que o *mas* está: marcando contraste; marcando compensação; restringindo; negando inferência.

1- marcando contraste:

- a) entre positivo e negativo, ou vice-versa: “Será que pé gasta? Diz de quem trabalha em salina gasta. *Mas* eu não; agora sou jornalista.”
- b) entre expressões de significação oposta: “Vou bem. *Mas* você vai mal.”
- c) entre diferentes: “O baiano sorria sem arrogância, *mas* sem o menor temor.”

2- marcando compensação, que resulta da diferente direção dos argumentos, e pode, ou não, envolver gradação:

- a) não envolvendo gradação: “Longo, mas lido com voz clara e sem hesitação, o discurso no congresso arrancou aplausos em várias ocasiões.”
- b) envolvendo gradação, na ordem do argumento mais fraco para o mais forte (que é, então, negado), ou vice-versa: “E, então, não me cansava de chutar o freguês. Malhava, malhava; *mas* agora, com aquele bicho gordo eu não podia.”

Observa Neves (*id.*: 761), neste caso de compensação, que, “quando o argumento desfavorável ou menos favorável vem em segundo lugar, a compensação tem um certo

sentido de reparação” e, como exemplo, cita: “ As massas vivem cada vez mais em clima de violência, *mas*, pelo menos conscientemente, procuram a paz.”

3- restringindo, por acréscimo de informação, o que acaba de ser enunciado no primeiro membro coordenado. Essa restrição pode significar uma exclusão parcial, estando expressos, por vezes, indicadores de negação, privação, insuficiência:

- a) acrescentando um termo: “Casou-se. *Mas* não foi com a Luízinha.”
- b) acrescentando um circunstancial limitador: “Quero falar em negócio muito sério (...) *mas* não quero falar aqui.”
- c) acrescentando uma qualificação restritiva: “Queria que o filho fosse ministro, *mas* ministro protestante.”

4- negando inferência:

- a) vem contrariada a inferência de um argumento enunciado anteriormente. No primeiro segmento há asseveração, com admissão de um fato; no segundo segmento expressa-se a não-aceitação da inferência daquilo que foi asseverado: “O Bar do Porco era velho e fedia: era muquinfo de um português lá onde, por uns mangos fuleiros, a gente matava a fome engolindo uma gororoba ruim, preta. *Mas* eu ia.”

Nesse caso, a admissão pode vir lexicalizada (*eu sabia, é verdade*): “Ora, eu não me chamo José... Esqueci meu nome, *é verdade, mas* sei que não era José.”, assim como a insuficiência da asseveração para permitir a inferência (*apesar disso, ainda assim*): “Preocupava-se também pelo sobrinho com quem não se afinava muito *mas apesar disso*, não podia deixar de estimar.”

- b) vem contrariada a inferência do que vai ser anunciado a seguir. É na primeira oração que vem enunciado o contrário do que se deduz da segunda oração; e é na segunda oração que há asseveração, com admissão de um fato: “Tivemos momentos áureos, *mas* a conjuntura mundial tem realmente nos levado a alguns tropeços.”

Na contraposição em direção idêntica, o segundo argumento é superior ou, pelo menos, não inferior ao primeiro, e a valorização é comparativa ou superlativa: “O sertão, para ele, não é uma coisa, *mas* principalmente uma idéia e um sentimento.”

Já na contraposição em direção independente, o segundo membro coordenado enuncia um argumento ainda não considerado. O argumento anterior, embora admitido, é tido como

menos relevante do que o que vem acrescentado: “Gostaria de ver o Zico na Gávea até a morte, *mas* reconheço que ele tem direito a este último contrato milionário.”

No caso da eliminação, ela pode se dar ou não no tempo. Na temporal, elimina-se a subsequência temporal natural, ou a consecução do que vem enunciado no primeiro membro coordenado: “Pensei em falar, em dizer mil coisas que me ocorrem, *mas* não consegui sequer abrir a boca.”. Na eliminação não-temporal, cita-se o seguinte exemplo: “Você pensa que sabe, *mas* não.”

Ainda são observados empregos do *mas* que só ocorrem em início de enunciado (muito caracteristicamente, em início de turno), obedecendo a determinações pragmáticas. Nessas condições, interessa-nos indicar que o *mas* expressa:

- 1- mudança do foco da narrativa ou da conversação: “A empresa construtora os deixou a ver navios. Tanto que eles, condôminos, é que lhe requereram a falência. *Mas* como disse você ainda agora, passemos adiante; onde estão os maridos?”
- 2- progressão temática: “Depois (as mulheres) falavam de roupas, sem constrangimentos. De roupas, de empregadas e do zelo com as crianças (...) *Mas* os homens permaneciam no outro canto da sala e um deles contava coisas de viagem.”
- 3- Eliminação: “Terá sido mesmo? *Mas* não, não pode ter sido.”

Da mesma forma, verificando a existência do componente pragmático, dependendo do texto em que o elemento *mas* se insere, Dijk (*apud* Santos, 2003:30) afirma que

enquanto os valores semânticos costumam ser percebidos entre orações, os pragmáticos ocorrem geralmente quando os articuladores aparecem em início de frase e são responsáveis pela coerência, pois estabelecem relações entre as partes do texto.

Neves (*id.*:19) , ainda, aponta diferenças entre o coordenador *mas* e os chamados “advérbios conjuntivos”, como *entretanto*, *no entanto*, *todavia* etc. Segundo a autora, enquanto aquele é “basicamente um seqüenciador”, estes ligam-se ao primeiro termo por meio de uma “retomada referencial anafórica”.

Comentando também essa questão, Henriques (2003: 101) distingue as “conjunções-conjunções” das “conjunções-advérbios”, apresentando como argumento para tal distinção o fato de estas poderem ser “deslocadas na sua oração.” Assim, de acordo com esse critério, “seriam conjunções coordenativas apenas as conjunções que atuam efetivamente como conectores sintáticos: *e*, *nem*, *ou* e *mas*.”

Prosseguindo sua análise, Neves afirma que esses dois tipos de elementos do português (coordenador *mas* e “advérbios-conjuntivos”) preenchem

funções semânticas, na verdade, distintas, se se considera a organização do enunciado, o que, na contraparte, reflete uma definição sintática diferente, na organização frásica.(*id.*: 19)

A autora (*id.*: 18) destaca, também, que o uso dos coordenadores, que são seqüenciadores, “constitui uma evidência da dimensão textual do funcionamento dos itens lexicais.”

Salientando, da mesma forma, a participação desses elementos no processo de construção textual, Santos (2003: 11) observa que

é comum estruturas de coordenação articularem períodos, parágrafos e mesmo porções maiores de texto. Na organização textual, os conectores, ao procederem à articulação dos enunciados, permitem enfatizar ora uma idéia ora outra, relacionar tópicos diversos, ligar parágrafos – e até mesmo capítulos – entre si, bem como operar a delimitação de várias etapas discursivas.... Daí a denominação... de articuladores textuais, por serem, em larga escala, responsáveis pela coesão e pela progressão textual.

A autora, assim, em sua pesquisa, dedica-se a uma análise do *mas* (além do *e*, *aí* e *então*), em posição interfrástica, destacando quatro macrofunções deste articulador textual: *organização tópica*, *progressão narrativa*, *interação* e *contrajunção*.

A primeira apresenta as subfunções *retomada* e *ruptura de tópico*; a segunda, *mudança de condução narrativa*, *progressão temporal* e *adição*; a terceira, *ênfase*, *interpelação* e *contestação* e a última, *ressalva*, *quebra de expectativa* e *retificação*.

Santos (*op. cit.*: 52) enfatiza, também, que “a identificação do papel desse articulador, entretanto, dependerá da interpretação das intenções argumentativas e do contexto.”

Após analisar os dados de seu estudo, Santos (*id.*: 95) constata, dentre outros aspectos, que

Ainda que a **progressão narrativa** e a **contrajunção** possam ocorrer em posição intrafrástica, a **interação** e a **organização tópica** parecem ser as funções mais comuns nos articuladores interfrásticos.

Assim, observando os seguintes exemplos, a autora (*id.*: 95 - 96) percebe tais possibilidades de posição do articulador *mas*:

- (1) – Mandou me chamar, dona Virgínia?
 – Entre, Isabel. Sente-se.
 A menina aproximou-se da cadeira indicada. *Mas* permaneceu de pé.
- (1´) – Mandou me chamar, dona Virgínia?
 – Entre, Isabel. Sente-se.
 A menina aproximou-se da cadeira, *mas* permaneceu de pé.
- (2) Isso lembrou outras perguntas que Miguel queria fazer.
 – Esses povos são da floresta também? E da planície, como você falou?
 Por enquanto, vimos só os das montanhas...
 – *Mas* continuando, nas montanhas nascem os rios, os rios correm pelas matas, atravessam as planícies, e esses povos todos são vizinhos e irmãos.
- (2´) Isso lembrou outras perguntas que Miguel queria fazer.
 – Esses povos são da floresta também? E da planície, como você falou?
 Por enquanto, vimos só os das montanhas...
 – *Mas* continuando, nas montanhas nascem os rios, os rios correm pelas matas, atravessam as planícies, e esses povos todos são vizinhos e irmãos.

Desse modo, no exemplo 1, Santos verifica que o *mas* pode unir em um só período as orações, mantendo o valor contrajuntivo de *quebra de expectativa*. Já no exemplo 2 existe apenas a possibilidade de o *mas* aparecer em início de período, na posição de iniciador de turno, para indicar a função *organização tópica* (subfunção *retomada*).

Constatando, da mesma maneira, o emprego do *mas* para indicar *contrajunção*, depois de um ponto, Perrotti (1992) comenta que esse conector dá “origem a um novo enunciado que, por sua vez, topicaliza o comentário, de tal forma que, no texto, passa-se a dar ênfase ao que aparece no segundo segmento.”

Destaca, ainda, Santos (*id.*: 27) que, quando um turno de fala ou um parágrafo são iniciados pelo *mas*, “projeta-se um eixo textual-discursivo que não necessariamente equivale ao que ocorre dentro de um período.”

Já Dijk (*apud* Santos, 2003:53) atribui ao *mas* a função de marcar a “quebra de expectativa em relação ao curso normal dos acontecimentos”, mesmo que as proposições contrastivas sejam implícitas. Assim, para o autor (*apud* Rodrigues, 1993: 41), uma proposição sinalizará contraste se ela expressar:

- 1- propriedades e fatos inesperados ao curso normal dos eventos (“João é muito habilidoso, *mas ele pintou mal a casa.*”);
- 2- fatos e propriedades indesejados, opostos às expectativas de falante (“Eu fui pescar, *mas não apanhei nada.*”);
- 3- a inexistência de condições possíveis para a realização de algo (“Peter quer comprar um carro, *mas ele não tem dinheiro.*”).

Quanto aos implícitos da enunciação a que Dijk alude, Rodrigues (*op. cit.*: 68) comenta que “são casos onde se percebe que uma ou mais proposições são inferíveis, e a presença do *mas* contribui para viabilizar essa inferência.” Assim, para exemplificar tal consideração, a autora cita:

F- Não, no táxi muita da vez o motorista [diarista] chega, tem muitos que são sinceros, chega e diz: “Olha, (“o”) seguinte: (imitando) Estou devendo aí quatro diária, *mas a mulher está (“doente”).*”(id.ibid.) [grifo da autora]

Nesse exemplo, a proposição *mas a mulher está doente*, na verdade, não se relaciona contrastivamente com a anterior – *Estou devendo aí quatro diária*. O *mas* empregado sinaliza contraste com uma proposição implícita “não posso pagar”. Desse modo, o motorista explica que não pode pagar porque a mulher está doente.

Santos (2003:53) ilustra tal situação da seguinte forma:

Estou devendo quatro diária MAS _____ a mulher está doente.
(não vou pagar PORQUE)

Por sua vez, Azeredo (1999:116) chama as conjunções coordenativas de conectivos e as distribui, segundo algumas particularidades. Assim, de acordo com uma primeira diferença, *e*, *ou* e *mas* pertencem a um mesmo grupo, enquanto *pois* e *logo*, a outro. “Somente os primeiros coordenam as chamadas orações subordinadas.”

Já quanto a características referentes ao ato de enunciação, agrupam-se *e* e *ou* de um lado; de outro, *mas*, *pois* e *logo*. Estes “explicitam a interpretação do locutor sobre a relação

entre os dois fatos”, funcionando como “operadores discursivos”; aqueles são considerados “autênticos conectivos”. O *mas*, por sua vez, “tem essa dupla natureza”. (*op.cit.*: 117)

O autor (*id.*:156) observa ainda que o lugar de um conectivo de coordenação “é necessariamente entre as unidades coordenadas.”

Por outro lado, para Carone (2003), a marca da coordenação pertence ao segundo elemento. Para tal análise, a autora apresenta alguns argumentos, como: a pausa separa claramente o segundo bloco do primeiro; do ponto de vista semântico, a conjunção pertence à segunda oração; grande parte das conjunções adversativas (classificação segundo a tradição gramatical) é dotada de mobilidade posicional na segunda oração – jamais na primeira. Carone (*op. cit.*:60) defende ainda a idéia de que a segunda oração coordenada pressupõe a primeira, “numa relação orientada, que é a seleção.”

Esclarece também a autora (*id.*: 29) que o *mas* organiza os coordenados em pares, à maneira do sintagma formado pela subordinação. Assim, em uma frase como “Deus é bom, mas justo”, verifica que

o segundo termo, que se opõe ao primeiro pela adversativa *mas*, fecha decisivamente a construção, eliminando a hipótese de uma seqüência aberta. O valor retrojetivo ... da conjunção impede o prosseguimento de uma cadeia de termos coordenados.

Dessa forma, segundo Carone (*id.*: 61), a “independência” das orações coordenadas, característica difundida pelas gramáticas, só deve ser entendida no que diz respeito ao “fato de que a conjunção coordenativa não opera o fenômeno da translação”.

Assim, compartilhando do mesmo ponto de vista de Bechara (1999:464), Carone (*id.*: 68) afirma que “só a coordenação tem a capacidade de relacionar orações.”

Ao tecer, também, comentários sobre a referida “independência” das orações coordenadas, Garcia (2002: 47-48) discorda dessa tradicional atribuição, tendo em vista que as orações coordenadas, com exceção das iniciadas pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*, apresentam “dependência semântica mais do que sintática”. Por isso, para o autor, em orações como as adversativas, conclusivas e explicativas, há “coordenação gramatical mas subordinação psicológica.”

Em obra mais recente, Azeredo (2004: 249) apresenta o *mas* como a “conjunção adversativa típica”, que exprime a idéia básica de contraste, consistindo numa simples

oposição de dois conteúdos (“A secretária dele é antipática, *mas* competente.”) ou numa quebra de expectativa. (“O lutador era magrinho, *mas* derrubava todos os seus adversários.”).

Destaca ainda Azeredo (*op.cit.*: 249) o valor argumentativo do *mas*, uma vez que

O fato ou idéia introduzido por *mas* recebe realce em face da idéia anterior e se impõe à atenção do ouvinte ou leitor, funcionando como argumento para efeitos de sentido que o enunciador pretende produzir.

Exemplificando tal emprego, apresenta as frases: “Ela é antipática, *mas* competente” e “Ela é competente, *mas* antipática.” (*id.*: 249), observando que, na primeira, há destaque e valorização da competência, retratando-a como uma compensação para o defeito, enquanto na segunda o realce está na antipatia, desmerecendo-se a qualidade.

Constata o autor que, após o *mas*, para enfatizar uma ou outra variação do significado básico de contraste, emprega-se: *em compensação, apesar disso, ainda assim, na verdade, por outro lado, felizmente, infelizmente* etc.

Por sua vez, Rodrigues (1993), partindo de um estudo do funcionamento do item *mas* na constituição do discurso oral, propõe uma classificação para o *mas* em três níveis: *mas* conjunção; *mas* intermediário e *mas* marcador.

Esta descrição apresenta-se como uma alternativa à das gramáticas tradicionais, que identificam o *mas* sobretudo como conjunção coordenativa, o que se justifica se pensarmos que esse tipo de texto referencial tem por alvo a linguagem escrita exemplar, para nos valermos de um termo empregado por Coseriu (1992).

Desse modo, ensina a autora (*op. cit.*: 8) que o *mas* conjunção “atua na articulação de orações, onde marca uma relação adversativa entre duas ou mais orações adjacentes”, citando como exemplo: “E ela terminou o IBEU e terminou o segundo grau, ***mas não quis fazer o vestibular de jeito nenhum esse ano***, diz que não estava com vontade.” (*id.*: 66) [grifo da autora]

Já o *mas* intermediário

se encontra na interseção da conjunção e do marcador. Assim como o *mas* conjunção, ele sinaliza relações adversativas. Entretanto, seu âmbito de atuação é maior: ele relaciona proposições contrastivas não adjacentes, ou dois grandes segmentos contrastivos que podem aparecer em adjacência, mas que são compostos de várias proposições. Além de marcar contrastes, esse tipo de *mas* contribui para a organização do discurso (...). (*id.*: 9)

Ilustrando-se tal caso com:

Então, nessa época era o padre Ferrari, gostava muito, muito meu amigo, então, fiquei *uma porção de ano*. Depois “houve” uma política na igreja, `pá`, **o padre Ferrari foi embora**, motivos aí que houve, umas brigas, umas confusões, que eu não quero esquentar a cabeça com isso, que isso não interessa a gente no momento, então – **mas eu continuei na igreja**, sou de Magalhães vou continuar na igreja de Magalhães. Eu não vou mudar de Magalhães porque mudou o padre.” (id.: 70) [grifos da autora]

Por fim, o *mas* marcador

não mantém a carga semântica de contrastividade dos dois outros níveis. (...) se caracteriza pelo que ele deixa de ser no plano sintático e no plano semântico da linguagem, e pelo que ele passa a ser no plano discursivo-textual. No plano sintático, ele perde a função de conectar orações adjacentes; no plano semântico, ele perde a propriedade de contrastividade; e no plano discursivo ele passa a atuar como um elemento que contribui para a organização do discurso e da conversação (...). (id. : 9)

Assim, para exemplificar, apresenta-se:

F- (...) então, para nós, foi uma satisfação muito grande, agora, essa viagem que eu fiz a Tóquio, porque fomos os quatro, não é? (EST)

E – Ah, que gostoso!

F – É. E estava realmente bom, não é? Porque a gente fazia tempo que não saía os quatro juntos. Pena que não pudesse levar a Gisele, não é? Porque a Gisele (“ainda está”) pequenininha, não vai entender, mesmo, nada, não é? (EST) E o marido da Solange, também, não é? Que seria, assim, mais – ficava mais familiar a – (EST) E a família está crescendo, não é? Qualquer hora dessa [é a Sandra que resolve, também, casar, aí cresce mais. **Mas a gente gosta de fazer - inclusive, nós fomos até acampar juntos, agora.**” (id. :77) [grifo da autora]

Dessa maneira, a pesquisadora pretende contribuir para a elaboração de uma futura gramática do discurso.

2.3.1- A argumentação

Segundo Perelman (1996: 16), “toda a argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual.” Além disso, destaca o autor (*op. cit.*: 18) o relevo que deve ser dado à figura do interlocutor:

para argumentar, é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental... Cumpre observar, aliás, que querer convencer alguém implica certa modéstia da parte de quem argumenta, o que ele diz não constitui uma “palavra do Evangelho”, ele não dispõe dessa autoridade que faz com que o que diz seja indiscutível e obtém imediatamente a convicção. Ele admite que deve persuadir, pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito.

Já para Ducrot (1989:18), “a argumentação pode estar diretamente determinada pela frase, e não simplesmente pelo fato que o enunciado da frase veicula.” Dessa maneira, a argumentação está “na língua”, “nas frases”.

Definindo *enunciado* como *um segmento de discurso* e *frase* como *uma estrutura abstrata, algo bem diferente de uma seqüência de palavras escritas*, o autor (*op. cit.:* 18) observa que “a significação de certas frases contém instruções que determinam a intenção argumentativa a ser atribuída a seus enunciados”. Desse modo, Ducrot atribui o conceito de *operadores argumentativos* a certos morfemas cuja função é indicar a força argumentativa dos enunciados, a direção para a qual apontam.

Dentre esses operadores argumentativos, destaca-se o *mas*, que se apresenta, segundo Vogt & Ducrot (1980), diferenciado em: *mas* SN e *mas* PA³. O primeiro aparece sempre depois de um enunciado negativo, para retificar algo suposta ou realmente dito antes (“Ele não é inteligente, *mas* apenas esperto.”); já o segundo não exige a presença de um enunciado negativo precedente e insere-se em um enunciado cuja construção obedece à seguinte fórmula:

Se *p*, _____ conclusão *r*
p, MAS *q* _____ conclusão *não-r*

Assim, aplicando como exemplo “Tenho vontade de passear, *mas* tenho dor nos pés” (*op. cit.:*120), tem-se:

³ O *mas* SN equivale ao *sino* do espanhol e ao *sondern* do alemão; o *mas* PA, ao *pero* do espanhol e ao *aber* do alemão.

proposição <i>p</i>	(MAS <i>q</i>)	conclusão <i>r</i>
Se tenho vontade de passear,	_____	vou passear
Tenho vontade de passear, MAS tenho dor nos pés _____		não vou passear

Observa-se, dessa maneira, que o emprego do *mas* “põe em balança dois argumentos que autorizam conclusões inversas” (*id.*: *ibid.*), sobressaindo-se argumentativamente (em *p* MAS *q*), o sentido de *q*.

A partir do exemplo *Magis Deusm miseri quam beati colunt* (“Deus é mais venerado pelas pessoas infelizes do que pelas pessoas felizes”), elucida-se a noção de *orientação argumentativa*. Para isso, os autores explicam que nessa frase, em que se afirma a devoção das pessoas infelizes e se nega (argumentativamente) a das pessoas felizes, pode-se atribuir, no caso das pessoas felizes, a mesma orientação argumentativa de frases, como: “As pessoas felizes não são (muito) devotas”; “As pessoas felizes têm (muito) pouca devoção”; “São devotas as pessoas felizes?”. Por conseguinte, estas frases orientam “para conclusões inversas às que o falante tiraria da devoção.” (*id.*: 109-110)

Acresce-se ainda que, para os autores, o sentido de um enunciado “não é constituído por condições de verdade, mas pelas continuções de que o enunciado é suscetível num encadeamento argumentativo.” (*id.* : 110)

Desse modo, Vogt & Ducrot (*id.*: 115) declaram que

A existência de um discurso que afirma uma proposição *p* é percebida como argumento em favor das conclusões que constituem o sentido da proposição. O próprio fato de que *p* tenha sido afirmado dá credibilidade às conclusões para as quais *p* foi utilizado. Daí o recurso freqüente à autoridade.

Partindo da noção de *polifonia* elaborada por Ducrot, Koch (2002: 140) define-a como:

a incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadoreis ou personagens discursivos – ao(s) locutor (es), a terceiros ou à opinião pública geral.

Assim, analisados enunciados do tipo *X mas Y*, conta-se que eles permitem sempre uma descrição polifônica, em que se atribui *X* a um enunciador diferente do locutor, conforme se demonstra a seguir:

1ª etapa: atribui-se a um enunciador *E 1* o enunciado **P**, que constitui um argumento em favor da conclusão **r**, de modo que, dado **P**, poder-se-ia concluir **r**. Essa asserção de **P** por *E1* é, portanto, introduzida no enunciado de um locutor *L* através da autoridade polifônica.

2ª etapa: o locutor *L* (= *E2*) assevera **Q**, argumento para **não-r**, de maneira que, dado **Q**, é-se levado a concluir **não-r**. O argumento contido em **Q** deverá ser mais forte em favor da conclusão **não-r** que o argumento **P** em favor de **r**, de tal modo que **p mas q; q, embora p; ou embora p, q** sejam reconhecidos como argumentos para **não-r**. (*op. cit.* : 148)

Ducrot (1989) introduz, ainda, a noção de *topos* – lugar comum argumentativo – que apresenta as seguintes propriedades: ser universal, geral e gradual. Além disso, distingue *topoi* de *formas tópicas*, que são as formas equivalentes sob as quais os *topoi* podem se apresentar devido a seu caráter gradual.

Exemplificando tal teoria a partir dos operadores argumentativos *pouco* e *um pouco*:

- (a) Ele trabalha um pouco. Ele vai conseguir.
- (b) Ele trabalha um pouco. Ele não vai conseguir.
- (c) Ele trabalhou pouco. Ele vai conseguir.
- (d) Ele trabalhou pouco. Ele não vai conseguir.

Ducrot constata que em (a) e (c), ou ainda, em (b) e (d), chega-se às mesmas conclusões a partir de *pouco* e *um pouco*. No entanto, percebe-se que a argumentação de (a) e (c), assim como a de (b) e (d) não é igual. Assim, para explicar essa diferença, o autor recorre à teoria dos *topoi*:

Topos 1: O trabalho leva ao êxito.

Topos 2: O trabalho leva ao fracasso.

Em (a) e em (d), segundo Ducrot, é o *topos* “moral” T1 que está em questão; em (b) e em (c) é o *topos* “cínico” T2.

Cada um dos *topoi* T1 e T2 tem duas formas tópicas recíprocas e equivalentes. Desse modo, quanto a T1, podem apresentar-se:

T´ 1: Quanto mais se trabalha, mais se tem êxito.

T´´ 1: Quanto menos se trabalha, menos se tem êxito.

No que diz respeito a T2:

T'2: Quanto mais se trabalha, menos se tem êxito.

T''2: Quanto menos se trabalha, mais se tem êxito.

Com o objetivo de reunir os dados dessa análise, o autor demonstra os seus resultados em um quadro:

Encadeamentos	Argumentos	Topoi	Formas tópicas	Conclusões
(a)	trabalhar um pouco	T1	T'1	êxito
(b)	trabalhar um pouco	T2	T'2	fracasso
(c)	trabalhar pouco	T2	T''2	êxito
(d)	trabalhar pouco	T1	T''1	fracasso

Nessa concepção de *topos*, a noção de *polifonia* de Ducrot *para os* enunciados com o operador argumentativo *mas* (além de outros) passou de dois enunciadores para quatro. Koch (1989: 132) assim a descreve:

E1 – que convoca um feixe de *topoi* (T1, T2, T3...) ligados a uma expressão ou um predicado da língua.

E2 – (= argumentador 1) – que escolhe um desses *topoi* e com ele sugere a conclusão *r*, colocando o estado de coisas *X* de que o enunciado fala numa escala graduada *P* (P-idade) e atribuindo-lhe um grau que deve ser suficiente para levar à conclusão *r*. Esse grau deve ter por correspondente, em outra escala *Q* (Q-idade) um grau que justifique essa conclusão.

E3- que convoca outro feixe de *topoi* (T1, T2, T3...)

E4 - (= argumentador 2)- que escolhe um deles e com ele se opõe à conclusão *r*, argumentando para $\sim r$.

Por sua vez, Oliveira (2000:173) identifica como elementos de um texto argumentativo: *proposta, tese, argumentos pró-tese e concessões*. Além disso, existem as *restrições*, que se constituem na própria tese ou em argumentos orientados para ela.

Assim, o autor (*op. cit.*: 174) assinala que, para haver argumentação,

é preciso que exista uma proposta cuja validade possa ser colocada em questão, um argumentador que tome posição relativamente a essa proposta e um sujeito alvo da argumentação, a quem o argumentador deseje atrair para sua posição com relação à proposta.

Desse modo, todo texto argumentativo é resultante “de uma tomada de posição com relação a uma assertiva polêmica preexistente à sua produção.” (*id.*:174)

Essa posição do argumentador em relação à proposta pode ser de neutralidade, de adesão ou de rejeição, sendo possível haver uma gradação nas últimas.

Empregando o termo *concessão*, conforme o adotado por Vogt & Ducrot (1980), Oliveira (*id.*: 179) assim o define:

é um recurso argumentativo através do qual o argumentador “concede” razão a um argumento orientado para uma tese oposta à sua, dando a impressão de certa empatia para com o ponto de vista contrário, porém recorrendo a uma asserção argumentativamente mais forte, destinada a recuperar com vantagem o espaço cedido.

Reforçando o papel do argumentador nessa estratégia argumentativa, Gouvêa, Pauliukonis & Ribeiro (2003: 94) esclarecem que, na concessão, é possível

construir a personagem de um homem de espírito aberto, capaz de levar em consideração o ponto de vista dos outros; preservar a face do outro, mostrando-lhe que sua maneira de ver as coisas não é completamente absurda, mas...

Por sua vez, Vogt & Ducrot (1980: 125), aludindo a essa estratégia argumentativa que “consiste, então, em acordar à palavra do outro um valor argumentativo, mas em servir-se desta concessão para dar mais peso à decisão que se toma em sentido inverso”, observam “quanto é vantajoso ‘dar razão’ ao outro a fim de melhor enredá-lo em seu equívoco.” (*op. cit.*: 126)

Dentre os recursos da língua apontados por Oliveira (1995) para manifestar a concessão, estão as conjunções concessivas e as adversativas. Para ilustrar tal processo argumentativo, foram propostas pelo autor as seguintes situações: num dia de inverno, estava excepcionalmente fazendo calor e, nesse dia, um membro de uma família, em preparativos de viagem, desejava convencer os demais a colocar agasalhos na bagagem, ou, ao contrário, a não levar agasalhos. Assim, dependendo do intuito dessa pessoa, ela poderia dizer:

- (a) Está quente, mas estamos no inverno.
- (b) Embora esteja quente, estamos no inverno.
- (c) Estamos no inverno, mas está quente.
- (d) Embora estejamos no inverno, está quente.

Nos exemplos acima, (a) e (b) argumentam para a mesma tese: colocar agasalhos na mala; já (c) e (d), para não colocar agasalhos na mala.

Observa ainda Oliveira (2000) que, em uma construção *X mas Y*, *Y* tem sempre maior força argumentativa que *X*, tendo em vista que, enquanto a orientação argumentativa de *Y* é oposta à de *X*, *Y* e a seqüência *X mas Y* se orientam para a mesma tese.

O autor (*op. cit.*: 186) aponta também casos em que ocorre *pseudoconcessão*: “o argumentador só ‘concede razão’ à tese oposta num plano hipotético, contestando não o valor argumentativo da asserção oposta a *mas*, mas seu próprio valor de verdade”, ou ainda no caso em que se “contrasta aparência e realidade”. Podendo esse último tipo apresentar-se através das seguintes fórmulas:

- realmente pareceria que *X*, mas na verdade *Y*;
- de fato *X* passa por verdadeiro, mas indiscutivelmente *Y*;
- de fato se poderia dizer *X*, mas na verdade *Y* etc.

Na mesma linha teórica de Ducrot, Guimarães (2001) considera a argumentação como uma questão lingüística. Assim, partindo dos estudos argumentativos de Vogt & Ducrot (1980), que distinguem dois tipos de *mas*: *masSN* e *masPA*, analisa o modo como os segmentos articulados se organizam em relação à enunciação.

Lembrando que o *mas SN* aparece sempre depois de um enunciado negativo, com o objetivo de correção (“Ela não é nadadora mas atleta.”) e que o *mas PA* tem a função de introduzir uma proposição *q* que orienta para uma conclusão *não-r*, oposta a uma conclusão *r* para a qual *p* poderia conduzir e , não exige necessariamente a presença da negação no enunciado anterior (“Paulo era o mais adequado para o cargo, mas não foi o escolhido.”), constatou-se que com o *mas SN*:

- a) não há possibilidade de inversão das orações;
- b) não há possibilidade de articulação por sobre os limites da frase;
- c) entre as orações é sempre necessária a presença da negação na primeira parte da frase. Ao mesmo tempo, nota-se que essa negação afeta somente a sua primeira parte, e o faz exatamente para que se possa afirmar o que está introduzido pelo *mas*;

d) há concordância modal entre as orações.

Por outro lado, com o *mas* PA:

a) não há possibilidade de inversão das orações;

b) há a possibilidade de articulação por sobre os limites da frase;

c) a negação não é necessária e, quando ocorre, incide somente sobre a primeira oração;

d) não há a necessidade de uma concordância dos modos verbais, embora o subjuntivo não possa aparecer na oração inicial.

Prosseguindo seu estudo do *mas* PA, Guimarães comenta que a impossibilidade de inversão das orações deve-se ao fato de esta conjunção marcar a sua oração como comentário. Por outro lado, o *mas* PA, que indica a retomada de algo dito anteriormente, pode iniciar uma frase, permitindo, assim, a articulação por sobre o limite da frase.

Distinguindo dois tipos de negação com a presença do morfema negativo nos enunciados precedentes a *mas* PA e *mas* SN, Vogt & Ducrot (1980) elucidam que o morfema negativo que pode vir antes de *mas* Pa marca a negação *descritiva* e aquele que precede *mas* SN marca a negação *polêmica*. Esta “notifica o ato de recusa realizado pelo falante no momento em que ele fala”; aquela “pertence ao discurso relatado pelo locutor: do ponto de vista deste, ela não tem , portanto, função polêmica – mas pode tê-la no discurso atribuído ao outro.” (*op. cit.*: 125)

Desse modo, Pinto (1989: 74) observa que no caso do *mas* SN “O discurso apresenta-se, então, como autoritário: é o campo da necessidade, da certeza, das normas...”; já no do *mas* PA “O discurso apresenta-se como polêmico, o locutor não impõe sua opinião: é o campo do possível, do provável, do permitido...”.

Assim, da mesma maneira que Perelman (1996), a autora (*op. cit.* : 74) atribui importância ao *outro* na argumentação, ao constatar que

O *mas* PA é fundamentalmente polêmico, o sentido é disputado, os argumentos do outro são considerados. Mesmo quando precedido de uma negação, essa negação deixa ecoar nela o argumento do outro.

Assim, após as considerações feitas por todos os estudiosos neste capítulo, parece lícito afirmar que o *mas* é um instrumento gramatical da língua portuguesa de grande importância

para a construção da argumentação, da progressão textual, além de poder assumir diferentes matizes semânticos, relacionando termos, orações, períodos e parágrafos.

De que maneira esse valioso instrumento é utilizado por Verissimo em suas crônicas será a nossa próxima abordagem.

3- ANÁLISE DO ITEM LEXICAL *MAS*

EL – Este ano tem Copa do Mundo (...) O Brasil ganha a Copa?

VERISSIMO – Eu acho que a seleção ganha a Copa, *mas* tem que se cuidar para não repetir a Copa de 82, quando também tínhamos um time imbatível, e que acabou caindo pelo autodeslumbramento. (entrevista de Luis Fernando Verissimo à *Revista Entrelivros*, março de 2006) [grifo nosso]

Em uma primeira observação, percebeu-se que o *mas* aparece com frequência nas crônicas de Verissimo: dos 36 textos do *corpus*, ele incide em 35, num total de 117 ocorrências. Além disso, verificou-se que sua posição nos enunciados é variada, permitindo relacionar, com oscilações do sentido básico de contraste, desde termos a partes maiores de texto. O *mas* constitui-se, ainda, em uma marca argumentativa dos enunciados, cuja função é “orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão com exclusão de outros.” (Koch, 2003:102). Desse modo, parece que esse item lexical desempenha um importante papel na construção da coesão e da coerência dos textos, imprimindo-lhes também direções argumentativas que orientam o sentido de seus enunciados.

Realizaremos a análise do *mas*, dividindo-a em três partes: na primeira, será feita a investigação da classificação morfológica desse item no *corpus*; na segunda, a verificação de sua incidência de acordo com sua posição nos enunciados; na terceira, a análise do *mas* a partir dessa inserção.

Dessa forma, partindo da classificação morfológica do *mas* e de uma descrição sintática, semântica e discursiva desse item lexical, buscaremos trilhar os caminhos apontados pelo enunciador, procurando, através dessa marca lingüística, compreender seu valor expressivo nas crônicas de Verissimo.

3.1- Classificação morfológica

O *mas*, segundo as gramáticas normativas (Bechara 1999; Cunha & Cintra 2001; Lima, 1998) e os dicionários (Ferreira, 1999; Houaiss, 2001) classifica-se em: conjunção, advérbio, palavra denotativa e substantivo.

Nas crônicas de Verissimo, esse item lexical apresenta-se, em todos os casos, como conjunção, relacionando “termos ou orações de igual função” (Cunha & Cintra 2001: 580), assim como “períodos, parágrafos e mesmo porções maiores de texto” (Santos, 2003:11). Ao realizar essa ligação, o *mas* exprime, com alguns matizes, “a idéia básica de contraste” (Azeredo, 2004: 249), em grande parte de seus usos nos textos.

Desse modo, esse coordenador (cf. Neves, 2000) além das relações sintático-semânticas também “estabelece relações discursivas” (Azeredo, 1999:116).

Para ilustrar tal emprego do *mas*, citamos o seguinte exemplo:

(1) É pouco provável que o sr. Lubos Michel e eu nos encontremos algum dia. Sei pouca coisa a seu respeito. Foi o juiz do jogo do Brasil e Gana e ontem apitou Alemanha e Argentina. Parece que é eslovaco. Ele, claro, não sabe que eu existo. E nunca saberá como chegou perto de ser uma pessoa importantíssima na minha vida. Num segundo, Lubos Michel poderia ter mudado minha opinião sobre a espécie humana e restabelecido minha fé no futuro do mundo. Um segundo. Era o tempo que levaria para ele dar aquele pênalti no Rodrigues que possivelmente liquidaria o jogo em favor da Argentina. Lubos Michel talvez sacrificasse sua carreira apitando o pênalti, **mas** daria uma prova inspiradora de isenção e coragem. Um efeito secundário do seu gesto destemido seria o de convencer muitos desiludidos como eu que ainda é possível acreditar na humanidade. Ele viraria um pária na Alemanha **mas** um herói moral para o resto do mundo, além de poder concorrer à presidência da Argentina quando quisesse. **Mas** Lubos Michel

não deu o pênalti. Pior, mostrou o cartão amarelo para o Rodrigues, acusando-o de ter simulado a falta. Além de medroso, hipócrita. Resultado, minha vida não mudou, minha opinião sobre a humanidade piorou e a Alemanha vai para as semifinais. (crônica 28 – 1º /07/06- 1ª coluna)

Assim, em “**Lubos Michel talvez sacrificasse sua carreira apitando o pênalti, *mas* daria uma prova inspiradora de isenção e coragem.**”, temos a conjunção *mas*, exprimindo um valor de contraste, relacionando duas orações.

Já em “Ele viraria **um pária na Alemanha *mas* um herói moral para o resto do mundo**, além de poder concorrer à presidência da Argentina quando quisesse.”, o *mas*, que também traduz o sentido de contraste, liga dois termos de mesma função: predicativo do sujeito.

Por fim, no enunciado “***Mas* Lubos Michel não deu o pênalti.**”, o *mas* atua na articulação de segmentos discursivos contrastivos não adjacentes. Assim, esse enunciado retoma outro da parte inicial da coluna:

Num segundo Lubos Michel poderia ter mudado minha opinião sobre a espécie humana e restabelecido minha fé no futuro do mundo. **Um segundo. Era o tempo que levaria para ele dar aquele pênalti no Rodrigues que possivelmente liquidaria o jogo em favor da Argentina.**

Nesse caso, temos um exemplo do que Rodrigues (1993) classifica como *mas* intermediário: o *mas* encontra-se na interseção da conjunção e do marcador, sinalizando contraste, ou, segundo Neves (2000:757), mais fortemente eliminação, e também contribuindo para a organização do discurso.

3.2- Classificação do vocábulo *mas* de acordo com sua posição nos enunciados

O quadro seguinte apresenta a classificação e a distribuição do *mas* de acordo com seu ponto de inserção nos enunciados (segmentos de discurso). Desse modo, emprega-se o que convencionamos chamar de: *mas* TE (entre termos, na mesma oração); *mas* TE (SN) – com

função SN, segundo Vogt & Ducrot (1980); *mas* OR (em início de oração); *mas* PE (em início de período); *mas* PR (em início de parágrafo) e *mas* CO (em expressão correlativa).

<i>mas</i> TE	<i>mas</i> TE (SN)	<i>mas</i> OR	<i>mas</i> PE	<i>mas</i> PR	<i>mas</i> CO	Total
4	3	53	49	5	3	117
3 %	3 %	46 %	41 %	4 %	3 %	100 %

3.3- Análise do *mas* a partir de seu ponto de inserção nos segmentos discursivos

Começando a análise pelos usos menos recorrentes no *corpus*, *mas* TE, *mas* TE (SN) e *mas* CO – cada um com 3 % do total das ocorrências, o exemplo (2) ilustra um emprego de *mas* TE.

(2) Lembra quando a gente dizia que o Brasil tinha **um grande time** *mas* **uma defesa fraca**? Finalmente temos uma boa dupla de área – e o resto do time desapareceu! (crônica 34 – 07/07/06, 4ª coluna)

Esse é um caso em que o *mas* relaciona dois termos de mesma função (objeto direto), marcando oposição: **grande time** X **defesa fraca**.

Já em (3) e (4), temos a incidência de *mas* TE (SN) que, segundo Vogt & Ducrot (1980: 104), assume a função de retificação: “vem sempre depois de uma proposição negativa $p = \text{não-}p'$, e introduz uma determinação q que substitui a determinação p' negada em p e atribuída a um interlocutor real ou virtual.” Assim, o morfema negativo precedente ao enunciado do *mas* marca uma negação polêmica, definida como “aquela que notifica o ato de recusa realizado pelo falante no momento em que ele fala.” (*op. cit.*: 125).

Dessa forma, no exemplo (3), o enunciador de “O time alemão também fez, não uma volta olímpica, *mas* uma caminhada compungida” opõe-se a um discurso do tipo “O time alemão fez uma volta olímpica”. Em tal caso, a negação gramatical marca o desacordo.

(3) Portugal, Portugal, Portugal. A torcida portuguesa não parou de gritar no fim do jogo. Aplaudiu seu time derrotado, que foi saudá-la e agradecer o apoio. O time alemão também fez, não uma volta olímpica, *mas* uma caminhada compungida pelo campo depois da sua derrota. Para agradecer ao público que o ovacionou. (crônica 34 – 07/07/06, 1ª coluna)

Assim como em (3), no exemplo (4), constata-se a presença de *mas* TE (SN). Note-se, porém, que, em (4), o emprego do “não” junto ao modalizador “exatamente” diminui a imposição da negação gramatical e, conseqüentemente, da argumentativa sobre o enunciado. Dessa forma, dizer “**Não** será **exatamente** o confronto de duas escolas de futebol, *mas* o de duas personalidades” é diferente de falar “**Não** será o confronto de duas escolas de futebol, *mas* o de duas personalidades.” No primeiro caso, a idéia de “confronto de duas escolas” não é totalmente substituída pela de “confronto de duas personalidades”, como no segundo. Percebe-se, assim, que no *mas* SN, mesmo o discurso apresentando-se como autoritário (Pinto, 1989), o enunciador pode veiculá-lo com atenuação.

(4) Basta comparar o comportamento do técnico sueco do time inglês, Eriksson, com o do time português durante um jogo para saber o que estava na cabeça dos ingleses quando convidaram o Felipão para treinar sua seleção. O jogo Portugal e Holanda, que repetiu dentro do campo as batalhas que torcedores ingleses e alemães vêm mantendo fora (só não se atiraram cadeiras) transformaria qualquer um na beira do campo num agitado Felipão? Não transformou Von Basten, técnico da Holanda, que se manteve nórdico até o fim. O que os ingleses queriam com o “Big Phil” era alguém decididamente pouco nórdico. Alguém que ganha jogos com empolgação e grito tanto quanto com o futebol. Eriksson e Felipão se enfrentarão nesta sexta-feira. **Não será exatamente o confronto de duas escolas de futebol, mas o de duas personalidades.** A Inglaterra tem mais time do que Portugal – inclusive porque sobrou pouco Portugal depois da guerra contra a Holanda. Mas do jeito que vai, qualquer previsão sobre a capacidade de superação do Felipão seria uma temeridade. O homem é capaz de tudo. (crônica 24 – 27/06/06, 1ª coluna)

No excerto (5), o *mas* está presente na expressão correlativa “não só... mas”, enfatizando a idéia de adição. Desse modo, esse procedimento de correlação permite “dar idêntico realce às unidades conectadas” (Azeredo, 2004:156):

(5) Se eu estava torcendo pela Costa Rica? Claro. *Não só* pela camiseta vermelha *mas* pela possibilidade, sempre estimulante, da Copa começar com um choque. (crônica 7 – 10/06/06, 2ª coluna)

Note-se que, reescrevendo o período acima com a conjunção aditiva *e*, desaparece esse “expediente retórico, de rendimento enfático” (*op. cit.*:156):

(5') Eu estava torcendo pela Costa Rica pela (ou por causa de) sua camiseta *e* pela possibilidade, sempre estimulante, da Copa começar com um choque.

Além da forma “não só...mas”, verificamos no *corpus* a “não apenas... mas”:

(6) O desejo secreto é que a Argentina seja outro exemplo de um fenômeno muito comum nas Copas, o do assombro efêmero.

Nesta Copa o assombro é a Argentina. Começou conservadoramente contra a Costa do Marfim, mas contra a Sérvia e Montenegro **não apenas** fez seis a zero **mas** quatro dos seis gols foram marcados quando o Tevez e o Messi ainda não tinham entrado em campo, o que significa que o seu banco de reservas também é um assombro. (crônica 17 – 20/06/06, 1ª e 4ª colunas)

Percebe-se, nesse caso, o destaque dado pelo enunciador ao futebol da Argentina que, como podemos notar, faz-se presente desde o início da coluna: “Nesta Copa o **assombro** é a Argentina.” Assim, para enfatizar tal **assombro** (a Argentina), emprega-se a expressão correlativa “não apenas... mas”, destacando o excelente desempenho dessa seleção no jogo contra a Sérvia e Montenegro: “**não apenas fez seis gols mas quatro dos seis gols foram marcados quando o Tevez e o Messi ainda não tinham entrado em campo....**”.

O *mas* PR, presente em 4 % das incidências do *mas*, caracteriza-se por, principalmente, sinalizar contraste entre proposições não contínuas, parágrafos ou porções maiores de texto, além de participar da articulação dos enunciados, delimitando etapas discursivas. Constitui-se, portanto, em um caso de *mas* intermediário (misto de conjunção e marcador), conforme classificação de Rodrigues (1993). Já Santos (2003:11), nesse caso, identifica o *mas* como um articulador textual, tendo em vista que ele é responsável “pela coesão e pela progressão textual.”

Em (7), exemplifica-se esse emprego:

(7) O grau de neurose de cada época se mede pela disposição das pessoas a acreditar em bruxarias e desígnios ocultos. Coisas como epidemias e a aproximação de milênio favorecem especulações metafísicas, explicações esotéricas, falsos profetas – e teorias conspiratórias. A perda da fé também leva as pessoas a perseguir causas secretas para tudo. **Segundo G. K.**

Chesterton (escritor e jornalista inglês, ultracristão), quem deixa de acreditar em Deus não passa a acreditar em nada, passa a acreditar em qualquer coisa. Se Chesterton escrevesse sobre futebol diria que quem se desilude com o seu time, em vez de não acreditar mais nele passa a acreditar em qualquer hipótese, racional ou não, para a sua queda. Uma teoria conspiratória muito ouvida nesta Copa, por exemplo, era que estava tudo armado para a Alemanha ser campeã, o que explicaria o fracasso de outros favoritos.

Mas também tem aquele outro adágio: se todos à sua volta parecem ter perdido a razão e só você mantém a cabeça no lugar, talvez você seja o único que ainda não se deu conta da gravidade da situação. O escândalo do juiz que arranjava resultados no Campeonato Brasileiro do ano passado (aquele que roubaram do Internacional) e o atual escândalo dos resultados combinados na Itália tornam verossímeis todas as teorias sobre a influência de desígnios ocultos nesta Copa. Mas a tese de que era para a Alemanha vencer só tem sentido acoplada à outra: a de que era para a Alemanha ganhar mas se esqueceram de avisar à Itália. (crônica 33 – 06/07/06, 3ª e 4ª colunas) [grifos nossos]

Observa-se nesse caso o uso de *mas* seguido de **também**, em que “também” indica “por outro lado, de outra forma.” (Hoauiss, 2001). Assim, temos uma marcação dupla de contraste: o *mas* e o *também*. Além de uma sinalização de retomada do enunciado da coluna anterior.

Já em (8) observa-se que o *mas PR* está na última coluna do texto, correspondendo, nessa crônica, à sua conclusão. Referindo-se a essa fase final de produção de uma crônica, Beltrão (*apud* Madeira 2005: 22) tece o seguinte comentário: “Nessa última fase, o cronista deverá adotar uma conduta, oferecer uma solução ou traçar... um rumo para o leitor, incitando-o à ação”. Desse modo, o enunciado do *mas PR*, que tem sua idéia de contraste enfatizada pela expressão concessiva “com todas as notícias da intolerância crescente”, exprime a idéia de que *é possível o bom convívio de imigrantes na Europa*, sendo esse o ponto de vista defendido na última coluna e apresentado como conclusão.

(8) Neste canto idílico da Alemanha em que estamos se vê muitos imigrantes, mas é difícil imaginá-los como problemas. Parecem bem integrados na paisagem social – pelo menos para quem está de passagem, sem muita informação. Mas a questão dos imigrantes divide cada vez mais a Europa e é politicamente vital porque atravessa ideologias e partidos. Sindicalistas de esquerda se unem ao patriciado de direita, liberais ponderados a neonazistas boçais, na convicção de que é preciso fazer alguma coisa para estancar a invasão da Europa, ou da parte desenvolvida do Hemisfério Norte, pelo resto do mundo. Seja para assegurar o mercado de trabalho, as culturas endóginas ou a sobrevivência da raça branca, a onda antiimigração é reacionária. Nega às pessoas a liberdade que tem o capital

de ir e vir como bem entende e se instalar onde acha que vai se dar melhor. Mas é uma questão imune à razão e aos bons sentimentos, que só piorou à medida que a pele dos invasores foi escurecendo.

Há alguns anos a imigração humana na Europa era interna e branca (...) Esse tráfego interno diminuiu com melhores condições econômicas na Itália e na Grécia e com a absorção da Península Ibérica pela Europa mas a esta altura imigrantes legais ou ilegais de pele escura (...) já começavam a chegar em hordas, e a enfrentar preconceitos mais viscerais, portanto mais invencíveis. Hoje a Itália, que exportava mão-de-obra sem perspectiva, atrai imigrantes, e os recebe com variados graus de xenofobia e racismo. Os brancos do Hemisfério Norte procriam cada vez menos, a população de pele escura se multiplica, desse desequilíbrio e da luta por empregos que escasseiam cresce a reação generalizada. E as ameaças fascistas.

Mas com todas as notícias da intolerância crescente, a impressão que fica no visitante – inescapavelmente superficial, ainda mais se você está prestando mais atenção no pé do Ronaldo do que no ambiente – é de que a nova Europa é um exemplo de bom convívio possível entre desiguais e de integração cultural. Em países como a França e a Inglaterra, além da Alemanha, os vislumbres que se têm são de uma experiência que funciona, apesar de todos os temores e ódios. Claro, os estrangeiros trabalham por menos e aceitam qualquer emprego, são as leis impessoais do mercado, e padrões aproveitadores, não a harmonia universal, que explicam a cacofonia. Mas ela não deixa de ser admirável. O sotaque hoje é a língua comum da Europa. (crônica 8 – 11/06/06)

Há ainda em (9) o caso em que o *mas* PR sinaliza uma progressão temporal, considerada por Santos (2003) uma subfunção da macrofunção *progressão narrativa*. Ratificando esse valor da partícula, Lapa (1970:281) comenta que em tal caso o *mas*

perde todo o caráter de conjunção e não passa de um advérbio, com significado mais ou menos temporal.(...) é como que um sinal, um toque no ombro para mudar de assunto e olhar para o outro lado. É um elemento de surpresa e de variedade, que não deixa afrouxar a atenção, presa ao mesmo assunto, antes a solicita constantemente em novas direções.

Dessa forma, ao terminar a 1ª coluna dizendo que “a partir de sexta-feira teremos assunto certo. E eu prometo nunca mais falar no campo de morangos que vejo da janela do meu quarto.” e iniciando a 2ª com “Mas enquanto a bola não rola... Estamos a poucos quilômetros de Königstein, onde está a seleção...”, o enunciador sinaliza com o uso de *mas* PR uma progressão de tempo no texto, equivalente a “então”.

(9) O campo de morangos que vejo pela janela do meu quarto está sempre cheio de gente. Durante todo o dia chegam pessoas de carro, bicicleta ou a

pé, pegam o seu baldinho numa barraquinha e vão colher morangos, que pagam na saída. (...) Imagino que chegará um momento em que se engalfinharão, brigando pelos últimos morangos. Nós não chegaremos a esse ponto. Só precisaremos colher no campo árido de assuntos que precede o início da Copa até a bola começar a rolar oficialmente, na sexta-feira. Até agora cada um foi procurar seus morangos onde pôde. A partir de sexta-feira teremos assunto certo. E eu prometo nunca mais falar no campo de morangos que vejo da janela do meu quarto.

Mas enquanto a bola não rola... Estamos a poucos quilômetros de Königstein, onde está a seleção, e a não muito mais quilômetros de Frankfurt, a grande cidade da região. (...) (crônica 5 – 08/06/06, 1ª e 2ª colunas)

Prosseguindo com os usos mais freqüentes no *corpus*, *mas PE* (41% das ocorrências) e *mas OR* (46% dos casos), no exemplo (10), o cronista, que inicia seu texto com uma história aparentemente não relacionada ao futebol, comenta o desempenho do Brasil em seu primeiro jogo:

(10) As toaletes pagas que tinham substituído os antigos “pissoirs” desapareceram das ruas de Paris. Os “pissoirs” eram malcheirosos anacronismos numa cidade tão civilizada e as cabines automáticas sucumbiram, acho eu, ao conflito entre a pressa para usá-las e a dificuldade em arranjar troco. O que a gente mais via em Paris era gente pulando de um pé para outro e contando moeda na frente de uma toaleta de rua impiedosamente fechada. **Mas** deram outra chance à idéia na moderna Berlim, onde existem sólidas cabines de aço alemão, com instruções em várias línguas para as necessidades dos transeuntes. Com uma particularidade curiosa. Segundo as instruções, ninguém precisa se preocupar com o terror de ficar preso dentro da cabine até que venham dinamitar a porta. Dentro da cabine tem um botão para abrir a porta. **Mas** se o botão não for acionado em 20 minutos, a porta se abre sozinha. Dirá você que 20 minutos são suficientes para qualquer necessidade humana. **Mas** sempre haverá o caso de um cidadão ou cidadã que não conseguiu resolver seu problema em 20 minutos. E imagine a aflição da pessoa que vê chegar os 20 minutos sem que tenha terminado de fazer o que precisava fazer. Sabendo que falta pouco para a porta se abrir sozinha e ela ficar exposta a quem passa, justamente num momento, assim, de crise existencial extrema. De certa forma (ou você pensou que esta crônica não era sobre o jogo de ontem?) foi uma aflição parecida a que sentimos todos durante os mais de 40 minutos em que o gol contra a Croácia, com todas as conseqüências psicológicas disto, era real. Mal comparando, o alívio que sentimos com o gol espetacular de Kaká aos 44 minutos foi equivalente a chegar ao fim da nossa performance na cabine aos 19 minutos.

Foi pouco o Brasil. A Croácia atacou sempre pela esquerda, o que significou que Cafu quase não foi à frente, e Roberto Carlos também, raramente chegou perto da linha de fundo. Nosso ataque se resumiu em tentativas pelo meio onde sempre havia mais croatas do que brasileiros e as bolas enfiadas

batiam e voltavam. Quanto aos croatas se pode dizer o seguinte: pela sua torcida, mereciam empatar. Pela sua camiseta, mereciam perder. **Mas** é mentira que os jogadores brasileiros fugiram na hora de trocar as camisetas. (crônica 11 – 14/06/06)

Observam-se nessa crônica, quatro casos de *mas* PE com valor de contraste, apresentando o último (2ª coluna) uma gradação mais forte desse sentido: eliminação (cf. Neves, 2000). Assim, segundo Neves (*apud* Santos, 2003: 52-53), na análise do *mas*,

É todo o conjunto coordenado que pesa na avaliação. E, assim, é geralmente com zonas nebulosas de interferência que, no exame das implicações semânticas existentes entre os segmentos coordenados por **mas**, se passa de uma desigualdade pouco caracterizada, para o contraste, a contrariedade, e se chega à oposição, à negação, à anulação, à rejeição.

Quanto a esse *mas* PE da 2ª coluna, ele se opõe a um discurso de que os “jogadores brasileiros fugiram na hora de trocar as camisetas com os croatas”. Em tal caso, o *mas*, acompanhado da recusa “É mentira”, assumindo o valor de eliminação, mantém, ainda assim, aquele outro discurso. Vogt & Ducrot (1980: 116) esclarecem isso, afirmando que

O reconhecimento já é um certo grau de adesão, que pode, aliás, ser muito fraco e se fazer acompanhar de uma recusa, expressa principalmente por um negação gramatical, ou por um É falso [“Ele disse isso, mas é falso.”].

Desse modo, dizer *é mentira que os brasileiros fugiram na hora de trocar as camisetas* é considerar a existência de *os brasileiros fugiram na hora de trocar as camisetas*.

Analisando o primeiro *mas* PE, poderíamos dividir a 1ª coluna em dois grandes segmentos contrastivos: “pissoirs” e toaletes pagas em Paris X cabines em Berlim:

- a) As toaletes pagas que tinham substituído os antigos “pissoirs” desapareceram das ruas de Paris. Os “pissoirs” eram malcheirosos anacronismos numa cidade tão civilizada e as cabines automáticas sucumbiram, acho eu, ao conflito entre a pressa para usá-las e a dificuldade em arranjar troco. O que a gente mais via em Paris era gente pulando de um pé para outro e contando moeda na frente de uma toaleta de rua impiedosamente fechada.
- b) **Mas** deram outra chance à idéia na moderna Berlim, onde existem sólidas cabines de aço alemão, com instruções em várias línguas para as necessidades dos transeuntes. Com uma particularidade curiosa.

Segundo as instruções, ninguém precisa se preocupar com o terror de ficar preso dentro da cabine até que venham dinamitar a porta. Dentro da cabine tem um botão para abrir a porta. *Mas* se o botão não for acionado em 20 minutos, a porta se abre sozinha. Dirá você que 20 minutos são suficientes para qualquer necessidade humana. *Mas* sempre haverá o caso de um cidadão ou cidadã que não conseguiu resolver seu problema em 20 minutos. E imagine a aflição da pessoa que vê chegar os 20 minutos sem que tenha terminado de fazer o que precisava fazer. Sabendo que falta pouco para a porta se abrir sozinha e ela ficar exposta a quem passa, justamente num momento, assim, de crise existencial extrema. De certa forma (ou você pensou que esta crônica não era sobre o jogo de ontem?) foi uma aflição parecida a que sentimos todos durante os mais de 40 minutos em que o gol contra a Croácia, com todas as conseqüências psicológicas disto, era real. Mal comparando, o alívio que sentimos com o gol espetacular de Kaká aos 44 minutos foi equivalente a chegar ao fim da nossa performance na cabine aos 19 minutos.

Já o segundo *mas* PE contrasta duas proposições: “dentro da cabine tem um botão para abrir a porta” X “a porta se abre sozinha, depois de 20 minutos”, que estão, cada um delas, em um período do texto. Dessa maneira, o *mas* PE “dá origem a um novo enunciado que, por sua vez, topicaliza o comentário, de tal forma que, no texto, passa-se a dar ênfase ao que aparece no segundo segmento.” (Perrotti, 1992). Assim, se por um lado “ter um botão dentro da cabine” é a solução para o problema de a pessoa ficar presa nela, por outro, “a porta se abrir sozinha depois de 20 minutos” pode ser um problema (não o de ficar presa). E esse problema é sinalizado pelo uso do *mas*, que direciona esse enunciado para conclusões, como: “a pessoa não pode demorar mais de 20 minutos na cabine”; “a pessoa pode ter problemas se demorar mais de 20 minutos na cabine”, dentre outras.

Prosseguindo essa mesma orientação argumentativa, o cronista, “conversando” com o leitor, atribui-lhe um discurso de que “20 minutos são suficientes para qualquer necessidade humana”, a que ele (o cronista) se contrapõe, com o terceiro *mas* PE: “*Mas* sempre haverá o caso de um cidadão ou cidadã que não conseguiu resolver seu problema em 20 minutos.” Assim, observamos que tanto o segundo *mas* PE, quanto o terceiro orientam para a mesma tese: “ficar na cabine mais de 20 minutos pode ser um problema para a pessoa”.

Desse modo, o cronista compara a aflição que sente essa pessoa que está na cabine

sem que tenha terminado de fazer o que precisava fazer. Sabendo que falta pouco para a porta se abrir sozinha e ela ficar exposta a quem passa, justamente num momento, assim, de crise existencial extrema.

com a que

sentimos todos durante os mais de 40 minutos em que o gol contra a Croácia, com todas as conseqüências psicológicas disto, era real. Mal comparando, o alívio que sentimos com o gol espetacular de Kaká aos 44 minutos foi equivalente a chegar ao fim da nossa performance na cabine aos 19 minutos.

Finalizando seu registro sobre a atuação do Brasil no jogo, o cronista assim resume-a: “Foi pouco o Brasil.” (2ª coluna)

Em (11), o *mas* PE, seguido de *não*, inclui-se no mesmo caso do último *mas* PE (10) cujo valor de eliminação, no caso de (11) expresso por uma negação gramatical, confere um grau bem fraco de adesão ao discurso da proposição anterior:

(11) A televisão mostrou o Maradona saindo do seu lugar na tribuna durante o jogo Argentina e Holanda cercado por três enfatiotados. Prenderam o homem, foi a primeira reação, imagino, de todos que viram a cena. Alguma ele teria aprontado na Alemanha, ou então a prisão se deveria ao conjunto de seus vícios e suas trapalhadas internacionais. Ele estaria sendo levado para o aeroporto e para a deportação imediata. **Mas não.** Viu-se depois que eram seguranças acompanhando Maradona para um encontro com membros da família real holandesa. Um encontro de realeza. Mais uma prova de como não se deve confiar em primeiras impressões, como os preconceitos prejudicam o julgamento e como por mais baixo que você chegue há sempre a possibilidade de um dia se ver apertando a mão de príncipes. (crônica 20 – 23/06/06, 1ª coluna)

O *mas*, conforme ensina Azeredo (1999: 116-117), além de explicitar “a interpretação do locutor sobre a relação entre dois fatos”, funcionando como *operador discursivo*, pode coordenar orações subordinadas, sendo um *autêntico conectivo* (como *e* e *ou*), como ocorre em (12) e (13).

(12) As japonesinhas que cercavam o hotel dos ingleses, em 2002, gritavam “I rove you, Beckham!” O ídolo do momento provoca manifestações que nada têm a ver com o futebol. Transforma-se num objeto de fantasias e paixões independentes do que ele faz em campo. Como Beckham, muitos jogadores, em diferente épocas se tornaram celebridades tanto pela sua figura e personalidade quanto pela notoriedade esportiva. Mas não deve haver precedente para o tipo de idolatria que Ronaldinho Gaúcho desperta, em todas as idades e todos os sexos. Estamos tendo uma prova dela aqui, onde não é raro você ouvir uma criança gritar “Ronaldinho!” na rua sem mais nem menos, só pelo prazer de gritar o nome mágico. Talvez tudo se explique pela alegria com que ele joga, e a identificação que isto traz com as crianças e pessoas que não ligam para o futebol *mas* simpatizam com seu jeito de bom moleque. (crônica 9 – 12/06/06, 3ª coluna)

(13) É impossível pensar, ou estar, na Alemanha sem evocar política e história o tempo todo. A Copa de 1974 foi num país dividido, em que a vitória da Alemanha Ocidental, em termos promocionais, significou muito mais do que um triunfo esportivo. Esta é num país em processo de unificação, que politicamente já aconteceu há tempo *mas* psicológica e economicamente ainda é um desafio. (crônica 22 – 25/06/06, 2ª coluna)

Em ambos os exemplos, o *mas* OR relaciona duas orações subordinadas adjetivas: em (12), restritiva; em (13), explicativa.

Em (14), há um emprego de *mas* PE com valor de ênfase que, segundo Santos (2003: 58), ocorre “em casos nos quais aparece uma exclamação ou uma interrogação retórica, a título de indignação, espanto, ansiedade, apreensão”. Considera ainda a autora (*op. cit.*: 57) esse valor de *ênfase* uma subfunção da macrofunção *interação*, caracterizando-se esta por

aparecer geralmente em diálogos, fragmentos de discurso indireto livre e trechos em que o narrador parece conversar com o leitor. O que caracteriza esta macrofunção é o fato de o articulador apresentar um papel mais discursivo, no sentido de veicular marcas de subjetividade da narrativa ou tentar reproduzir o que ocorre na conversação espontânea.

Dessa forma, tem-se, marcada pelo *mas* PE, no exemplo (14), a surpresa de um alemão diante de uma palavra no Brasil não ser pronunciada de acordo com a sua língua, o português. Percebe-se em tal situação que esse enunciado do *mas* PE aproxima-se da oralidade.

(14) Duas conseqüências do jogo de ontem: o fim de todas as dúvidas sobre a forma do Cafu, que continua com pulmões de adolescente, e a confusão do narrador alemão quando lhe disseram que a pronúncia correta é Ruan, não Juan. *Mas* no Brasil não se fala português? (crônica 2 – 05/06/06, 1ª coluna)

Em outro exemplo (15) também observa-se o uso de *mas* (*mas* OR) quando o cronista parece conversar com o leitor, assumindo nesse caso o valor de contestação, como registra Houaiss (2001): “indica uma réplica feita a alguém, quando se deseja indicar relutância, descrença, recusa ou protesto”. Corroborando tal evidência, Santos (2003: 59) comenta que esse valor contestatório do *mas* é percebido “em segmentos discursivos nos quais se questiona um argumento precedente, explicitando ou não um contra-argumento.” No exemplo citado, o cronista considera (“escuta”) o ponto de vista do leitor (mais tolerante), representado pela proposição “o chute errado faz parte do futebol”, acrescentando que “o leitor mais tolerante é

uma ótima pessoa”, porém argumenta em direção contrária, “mas não está entendendo o que quero dizer”, justificando sua posição: “Primeiro que justamente por ser esperado e desculpável em condições normais, o chute errado não justifica o gesto teatral. Segundo, que o que se viu de chute errado nesta Copa ultrapassou o normal. (...)”.

(15) Havia algo de falso dramático no gesto. Algo de operático. Significava que o erro era tamanho, e tão incomum, que nada menos do que o descabelamento simbólico daria uma idéia da dimensão da tragédia. Nada menos do que mãos de ópera clamando ao céu contra o destino. E no entanto nada foi mais corriqueiro, nada foi mais comum nesta copa do que o chute errado.

Dirá o leitor mais tolerante que o chute errado faz parte do futebol. Que sempre se viu mais chute errado do que certo. Que não é fácil direcionar uma bola com violência com o pé, logo o pé, esse instrumento tão rasteiro e impreciso. O leitor mais tolerante é uma ótima pessoa, *mas* não está entendendo o que eu quero dizer. Primeiro que justamente por ser esperado e desculpável em condições normais, o chute errado não justifica o gesto teatral. Segundo, que o que se viu de chute errado nesta Copa ultrapassou o normal. Pode-se entender a quantidade de passes errados, que também chegou a proporções epidêmicas. As defesas estão mais compactas, a marcação está mais vigorosa, o jogo bem tramado tornou-se uma relíquia de pátio de escola. Mas o volume dos chutes a gol que vão longe do gol só tem uma explicação: os caras não sabem mais chutar. As mãos na cabeça são um disfarce. Ou então esta era para ser mesmo a Copa do mau futebol. (crônica 32 – 05/07/06, 3ª e 4ª colunas)

Observa-se ainda em (15) o emprego de *no entanto*, classificado tradicionalmente como conjunção coordenativa, acompanhado de *e* (3ª coluna): “**E no entanto** nada foi mais corriqueiro, nada foi mais comum nesta Copa do que o chute errado.” Tal uso ratifica as opiniões de Garcia (2000) , Henriques (2003) e Neves (2000) que consideram *no entanto*, assim como *entretanto*, *todavia*, *contudo*, um advérbio, pois apresenta mobilidade posicional na oração. Assim, por ser um advérbio, é possível seu uso junto à conjunção coordenativa aditiva *e*. Além dessa incidência em (15), o *no entanto* ocorre em mais duas crônicas:

(16) **E no entanto** a “wurstmania” alemã tem até suas regras e seus rituais. “ (crônica 35 – 08/07/06, 2ª coluna)

(17) O protótipo do assombro efêmero é aquela seleção da Holanda que tinha supostamente revolucionado o futebol para sempre. A Laranja Mecânica, o carrossel irresistível. Marcação sob pressão o tempo todo, ninguém guardando posição, futebol total e – era o que se dizia - definitivo, que **no entanto** não ganhou a Copa em que foi a sensação e desapareceu como apareceu. (crônica 17 – 20/06/06, 2ª coluna)

Verifica-se o largo emprego do *mas* no *corpus*, se comparado às outras conjunções, classificadas segundo a tradição gramatical como coordenativas adversativas, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto*, *no entanto*, corroborando as observações de Lapa (1998: 282) quanto à frequência de uso desses itens lexicais:

o *mas* é de uso geral, tanto na linguagem familiar como na literária, e, apesar do seu uso, ... não perdeu a sua capacidade expressiva; *contudo* é menos empregado na linguagem corrente; *porém* e *todavia* são conjunções limitadas ao estilo literário. Quando se usam em linguagem corrente, denotam em quem as profere esnobismo e vacuidade.

Já o excerto (18), abordando questões políticas e também futebolísticas, apresenta o *mas* PE com o valor de quebra de expectativa, enfatizado pela expressão “mesmo com”. Assim, marca-se, segundo Dijk (*apud* Rodrigues, 1993), um fato inesperado ao curso normal dos eventos: “a Alemanha ter dificuldades de vencer a Costa Rica no jogo”.

(18) Na hora do hino já dava para adivinhar quem ia ganhar. Um hino era marcial, do tipo que impele os filhos da pátria para a glória ou para a morte. O outro era melancólico, quase plangente. Claro que ganhou o time do hino triste. Países como a Alemanha, que volta e meia invadia um vizinho, e a Inglaterra, que gostava de mandar seus soldados morrer e matar pelo império na terra dos outros, costumam ter hinos pastorais e pacíficos. Já países como a Costa Rica, que, eu acho, nunca invadiu ninguém ou teve um império - aliás, que nunca teve um exército - costumam ter hinos guerreiros. **Mas** mesmo com seu hino hipócrita a Alemanha não teve a facilidade para arrasar a Costa Rica de hino incongruente como se esperava, no primeiro jogo da Copa. Quem poderia esperar um jogador costa-riquenho chamado Wanchope fazendo o Klinsmann e outros milhares de alemães torcer para que o jogo acabasse logo? (crônica 7- 10/06/06, 1ª coluna)

No exemplo (19), a quebra de expectativa expressa pelo *mas* PE é reforçada pelo ponto de exclamação e pelo emprego da palavra “impossível” no enunciado anterior:

(19) O campo de morangos que vejo pela do meu quarto está sempre cheio de gente. Durante todo o dia chegam pessoas de carro, de bicicleta ou a pé, pegam o seu baldinho numa barraquinha e vão colher morangos, que pagam na saída. Não entendo muito de morangos fora da taça e não sei se o que vejo da janela é uma plantação maior ou menor do que o normal, mas, calculando o número de colhedores em relação à extensão do campo, só no período sob minha supervisão, desconfio que alguém anda repondo morangos durante a noite. É impossível que já não tenham colhido todos os morangos maduros ou em vias de amadurecer deste campo! **Mas** as pessoas

continuam a vir, a pegar o seu baldinho e a enchê-lo de morangos. O dia inteiro, dia após dia. (crônica 5 – 08/06/06, 1ª coluna)

Em (20), o *mas* PE sinaliza contraste, enfatizado pela parte final do enunciado precedente. Assim, tem-se : cansaço dos italianos no primeiro jogo X vitória dos italianos no jogo . Além disso, o cronista emprega nessa coluna , de maneira expressiva, o desvio sintático “é nós”, aproximando-se, assim, do registro informal da oralidade, para demonstrar a sua (e a da maioria dos brasileiros provavelmente) empolgação diante do primeiro jogo do Brasil na Copa.

(20) A Austrália foi uma semi-surpresa, os tchecos confirmaram que podem ir longe e os italianos pareciam cansados – no seu primeiro jogo! **Mas** ganharam. E hoje é nós. (crônica 10 – 13/06/06, 2ª coluna)

No exemplo seguinte (21), há os usos de *mas* OR e *mas* PE, seguidos de “também” (cf. exemplo 6), com seu valor contrastivo enfatizado. No caso do *mas* OR, tem-se: jogada na área X jogada atrás; no *mas* PE: jogar com liberdade X jogar com responsabilidade ou irresponsabilidade. Assim, em casos como esses, em que o *mas* apresenta, segundo Santos (2003), a macrofunção *contrajunção*, ele pode ocorrer tanto em posição intrafrástica como interfrástica. A autora (*op. cit.* : 90) destaca ainda “a correlação com a oralidade, em que pesam questões como entonação, e o caráter literário do texto, com ênfase para aspectos estilísticos” como pontos a serem considerados no que se refere ao uso dos sinais de pontuação antes dos *articuladores*.

(21) No tempo do dez prototípico, modelo da raça, Pelé, a função tinha um nome que a definia. Ponta de lança. O Pelé dos Santos que entrava na área fazendo tabelinha (outra arte perdida do futebol) com o Coutinho era um “ponta de lança”. Foi o próprio Pelé, na seleção vitoriosa de 70, quem institucionalizou a mudança de característica dos dez. Ele fez muita jogada aguda de área naquela Copa, algumas memoráveis, e a tarefa convencional de “distribuir” o jogo era de Gérson e Rivelino, **mas** Pelé também jogou atrás, comandando a retomada da bola e encaminhando o contra-ataque. Era um ser híbrido, um transitório, metade lança e metade lançador. E inaugurou a raça atual.

O que nos traz ao Ronaldinho Gaúcho. Num recente e simpático encontro com o Parreira (...) perguntei se o Ronaldinho não estava tentando suas conhecidas estocadas área a dentro por determinação tática ou por outro tipo de inibição. Parreira disse que Ronaldinho estava livre para fazer o que

quisesse. *Mas* também falou, em outro contexto, sobre jogar com responsabilidade e jogar com irresponsabilidade. Talvez Ronaldinho esteja compenetrado demais das suas responsabilidades como dez, sendo atualmente o membro mais notório da raça, e esquecendo seus talentos. De qualquer forma, agora é a hora de desinibir. (crônica 27 – 30/06/06, 2ª e 3ª colunas)

No exemplo (22), em que o humor de Verissimo faz-se presente em seus comentários sobre o jogo da Argentina contra a Sérvia e Montenegro, verifica-se o emprego de “acho”, um verbo que exprime opinião e veicula a incerteza do enunciador, além do uso de “não sei se”, que também introduz um grau de incerteza no enunciado em que ocorre. Dessa forma, temos o *mas* OR sinalizando contraste entre duas proposições que apresentam pouco comprometimento do enunciador com o que elas veiculam. Assim, o cronista procura controlar, por antecipação, possíveis reações desfavoráveis ao que é expresso por ele, preservando a sua face e a do leitor.

(22) O técnico da Sérvia e Montenegro não se levantou do seu lugar uma única vez durante a partida. Sua cara era de quem mal podia esperar o fim do jogo para voltar a fazer turismo, que foi o que o trouxe à Alemanha. Não sei se foi impressão minha, *mas* acho que o vi consultando um mapa enquanto seu time levava o quarto ou o quinto gol. Em campo, os sérvios e os montenegrinos tinham decidido antecipar a próxima divisão dos dois países e cada um jogava pelo seu, recusando-se a passar a bola para um estrangeiro. Mas nada disto impede que se respeite os seis a zero que a Argentina aplicou, três na Sérvia e três em Montenegro. Num campeonato em que as grandes potências estão ganhando de adversários mais fracos com as calças, para não dizer a reputação, na mão, e em mais de um caso no fim do jogo ou na prorrogação, a Argentina é a primeira a merecer a exclamação que o narrador alemão de ontem usou várias vezes: “Senzacional”. E com um agravante, ou um adoçante se você é argentino: fez quatro dos seis gols sem o Messi e o Tevez em campo. “Senzacional”, sem dúvida. (crônica 14 – 17/06/06, 1ª coluna)

Em (23), observa-se a presença de uma negação gramatical no enunciado precedente ao do *mas* OR. Nesse caso, “o morfema negativo é interno ao termo B [B *mas* PA A]: não tem nenhuma relação com o movimento argumentativo de negação marcado por *mas*.” (Vogt & Ducrot, 1980: 124). Desse modo, a negação sinalizada pelo *mas* PA é descritiva: “pertence ao discurso relatado ao qual o locutor se opõe” (*op. cit.*: 124), apresentando-se o discurso como polêmico, pois “o locutor não impõe sua opinião”. (Pinto: 1989:74).

(23) E aconteceu uma coisa curiosa. Com a reunificação, os dois mundos não têm mais uma fronteira física, *mas* mantêm uma diferença que só pode ser descrita, na falta de um termo mais preciso ou menos aéreo, como de atmosfera. O lado oriental hoje tem as mesmas grandes lojas do lado ocidental (foram as grifes, não os trabalhadores, do mundo que se uniram numa irmandade internacional invencível), os mesmos grandes hotéis e o acesso a todas as alegrias ocidentais que o muro impedia, *mas* também tem um clima classudo, que o outro lado perdeu. (crônica 15 – 18/06/06)

Assim, em “Com a reunificação, os dois mundos **não** têm mais uma fronteira física, *mas* mantêm uma diferença que só pode ser descrita... como de atmosfera.”, a negação no enunciado precedente ao do *mas* incide somente no 1º segmento discursivo, não se relacionando à negação argumentativa do *mas*. Por isso, a negação nesse caso é descritiva e não polêmica, a orientação argumentativa do 2º enunciado é inversa à de “os dois mundos não têm mais uma fronteira física”, discurso esse que é relatado.

3.3.1 - Orientação argumentativa dos enunciados do *mas*

Segundo Ducrot (1989:18), a argumentação está “na língua”. Na mesma linha teórica de Ducrot, Koch (2002:107), considerando a argumentação como o “ato lingüístico fundamental”, destaca a importância de elementos de valor “essencialmente argumentativo” (*op. cit.*: 107), como o *mas*

Elementos esses que, ao selecionar enunciados capazes de constituírem a seqüência do discurso, são responsáveis pela sua orientação argumentativa global, no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusões, em detrimento de outras. Relevante, é, também, especificar as conclusões a favor das quais os enunciados que os contêm podem servir de argumentos, ou seja, as possibilidades discursivas que, a partir deles, se abrem. (*id.*: 107-108)

Desse modo, observa-se em (24) que o emprego do *mas*, “põe em balança dois argumentos que autorizam conclusões inversas” (Vogt & Ducrot, 1980: 120): amor dos jogadores pelas suas pátrias X fidelidade dos jogadores às suas carreiras internacionais, sobressaindo-se argumentativamente o sentido que o enunciado do *mas* veicula. No caso, o argumento que prevalece, reforçado por “antes de mais nada”, é “os jogadores são fiéis às suas

carreiras internacionais, aos seus empregadores – quando não às grifes que os patrocinam – antes de mais nada.” Assim, tal argumento orienta para uma conclusão como: “os jogadores preocupam-se mais com suas carreiras internacionais do que com suas pátrias”.

(24) O futebol atual é um exemplo de globalização que deu certo. Não é apenas o fato de estar-se jogando a mesma bola em toda parte e não existirem mais primitivos e ingênuos no futebol. Os grandes clubes com os jogadores do mundo inteiro também são como as grandes multinacionais em seu universo sem fronteiras, buscando mão-de-obra onde melhor lhes convém. Os jogadores amam suas pátrias e morrem pelas suas cores *mas* são fiéis às suas carreiras internacionais, aos empregadores – quando não às grifes que os patrocinam – antes de mais nada. (crônica 23 – 26/06/06, 2ª coluna)

No exemplo (25), usa-se o *mas* TE com valor de contraste (poucas X decisivas), cujo argumento mais forte “decisivas” orienta para conclusões do tipo “Ronaldo ainda está jogando bem”, “Ronaldo faz gol na hora certa”, dentre outras. Ressaltando ainda a qualidade do jogador como centroavante, o emprego de *mas* PR sinaliza uma relação contrastiva entre sua proposição e a da coluna anterior: Ronaldo ser um touro X Ronaldo ser um toureiro. Constatando-se, assim, que o enunciado do *mas* mantém a qualidade de Ronaldo como finalizador. Nesse caso, assim como no do *mas* TE, observa-se um discurso otimista em relação ao jogador brasileiro.

(25) O homem está apático. Não se mexe, não sabe o que fazer. Não dá mais. Acabou. O homem era Ronaldo e as frases são da Copa do Mundo de 2002. Que o Brasil ganhou, em grande parte graças às poucas, *mas* decisivas vezes, em que Ronaldo fez o que saber fazer, gols.

O diabo é que aquela é uma posição paradoxal, para não dizer desgraçada. O cara está lá para fazer gols e tem que jogar de costas para o seu objetivo na vida. É um finalizador, tem uma das funções básicas de um time de futebol, e geralmente toca menos na bola do que um gandula. Vive cercado de inimigos cuja única preocupação é evitar que ele pratique o seu ofício e cumpra seu destino. Ou ele é um touro sem sentimentos ou acaba com problemas emocionais e físicos. Ronaldo não é um touro sem sentimentos.

Mas – aproveitando a analogia – um centroavante também tem a mesma oportunidade que tem um toureiro de se redimir num segundo. Um toureiro pode fazer uma “faena” medíocre, tropeçar na capa, receber vaias e almofadas na cabeça e ser gozado pelo próprio touro, mas, se sua estocada final for perfeita, direto no coração do animal, ele sairá da arena consagrado. A tourada não passa de um processo para evitar que, na hora da estocada, o touro levante a cabeça. É um dramático ritual de luzes e sangue com um único, prosaico, objetivo: cansar os músculos do pescoço do touro. Um jogo de futebol também é apenas um processo ritualizado, cujo fim é o gol. É a bola lá no fundo. A estocada no coração. Se aquele chute por cima do

travessão tivesse entrado no gol, ninguém estaria falando mal do Ronaldo e da sua “faena”. Ele teria saído do campo sob vivas e dormido com a Rita Hayworth. (crônica 12 – 15/06/06, 1ª, 2ª e 3ª colunas)

No exemplo (26), destaca-se com o *mas* PE a insensibilidade dos jogadores do Brasil com a sua torcida, após a eliminação do time na Copa do Mundo. Finalizando com o *mas* OR, o enunciador atribui maior força argumentativa ao discurso que veicula uma imagem negativa do time brasileiro: “o Brasil que não soube ganhar também não soube perder”.

(26) Saber perder não significa apenas cumprimentar elegantemente o adversário vencedor. Significa também participar deste teatro de contrição e solidariedade. A torcida brasileira, apalermada pela derrota, não teve essa concessão do seu time. Não sei se são verdadeiras as histórias da insensibilidade de alguns jogadores com a eliminação. É claro que a maioria sentiu. *Mas* ficou faltando o gesto, na hora. O reconhecimento, a comunhão com a torcida, o consolo mútuo. Lágrimas eram opcionais, *mas* o Brasil que não soube ganhar também não soube perder. (crônica 34 – 07/07/06 , 1ª coluna)

Em (27), o *mas* OR é usado para evidenciar a surpresa de a Alemanha ser eliminada por dois chutes perfeitos em uma Copa de chutes ruins.

(27) Dois chutes perfeitos liquidaram a Alemanha. Nenhum alemão está achando graça, *mas* numa Copa de chutes ruins, não deixou de ser uma ironia. (crônica 32 – 05/07/06, 1ª coluna)

Constata-se no exemplo (28), com o uso de *mas* PR, a veiculação de um discurso de elogio à acolhida alemã aos brasileiros.

(28) *Mas* independentemente do excesso de salsicha e da falta de truta, todos foram extremamente amáveis. Nem a língua atrapalhou muito. A pergunta “Speak English?” era quase sempre respondida com “A little bit” e, mesmo este pouquinho, com boa vontade, servia para o entendimento, a ajuda e a fraternidade. O que compensou tudo. Menos a derrota do Brasil, claro. (crônica 35 – 08/07/06, 4ª coluna)

Verifica-se em (29) que o *mas* OR e o primeiro *mas* PE orientam argumentativamente discursos diferentes: aquele, a idéia de os imigrantes não serem problemas; este, a de que eles são problemas. Já o segundo *mas* PE, fazendo uma ressalva ao discurso veiculado a partir da proposição do primeiro *mas* PE, veicula a idéia de que a questão dos imigrantes não é

resolvida de maneira racional e levando-se em consideração os imigrantes. Por fim, a proposição do *mas* PR (conclusão do texto) orienta para um discurso de aceitação dos imigrantes na nova Europa, apesar dos discursos do primeiro e do segundo *mas* PE.

(29) Neste canto idílico da Alemanha em que estamos se vê muitos imigrantes, *mas* é difícil imaginá-los como problemas. Parecem bem integrados na paisagem social – pelo menos para quem está de passagem, sem muita informação. *Mas* a questão dos imigrantes divide cada vez mais a Europa e é politicamente vital porque atravessa ideologias e partidos. Sindicalistas de esquerda se unem ao patriciado de direita, liberais ponderados a neonazistas boçais, na convicção de que é preciso fazer alguma coisa para estancar a invasão da Europa, ou da parte desenvolvida do Hemisfério Norte, pelo resto do mundo. Seja para assegurar o mercado de trabalho, as culturas endóginas ou a sobrevivência da raça branca, a onda antiimigração é reacionária. Nega às pessoas a liberdade que tem o capital de ir e vir como bem entende e se instalar onde acha que vai se dar melhor. *Mas* é uma questão imune à razão e aos bons sentimentos, que só piorou à medida que a pele dos invasores foi escurecendo.

Mas com todas as notícias da intolerância crescente, a impressão que fica no visitante – inescapavelmente superficial, ainda mais se você está prestando mais atenção no pé do Ronaldo do que no ambiente – é de que a nova Europa é um exemplo de bom convívio possível entre desiguais e de integração cultural. Em países como a França e a Inglaterra, além da Alemanha, os vislumbres que se têm são de uma experiência que funciona, apesar de todos os temores e ódios. Claro, os estrangeiros trabalham por menos e aceitam qualquer emprego, são as leis impessoais do mercado, e padrões aproveitadores, não a harmonia universal, que explicam a cacofonia. Mas ela não deixa de ser admirável. O sotaque hoje é a língua comum da Europa. (crônica 8 – 11/06/06, 1ª e 3ª colunas)

No exemplo (30), o *mas* PE faz uma ressalva quanto à possibilidade de jogar-se bem sem jogar bonito, orientando tal enunciado para um discurso que privilegia o jogar com eficiência a realizar espetáculo.

(30) O futebol deste Mundial tem sido muito ruim. Seleções nacionais representam isto mesmo, escolas, a convocação dos melhores jogadores de cada país. Vendo tanto passe errado e tanto chute torto a gente se pergunta: se isso é o melhor que eles têm, como não serão os outros? Os jogadores deveriam pensar nisto, em como o seu vexame reflete nos que ficaram em casa. Nos não-selecionados. (...) É verdade que ninguém espera ver futebol espetaculoso numa Copa do Mundo. Numa Copa as coisas se concentram, a emoção domina e todo lance parece, e muitas vezes é, definitivo. Fica difícil jogar bonito quando uma brilhantura pode custar uma classificação. *Mas* pode-se jogar bem – ou pelo menos acertar passes e chutes – sem jogar bonito. (crônica 25 – 28/06/06, 1ª coluna)

Em (31), marcando uma quebra de expectativa, o *mas* PE orienta argumentativamente para o resultado favorável à França no jogo contra o Brasil, cujo destaque foi o jogador francês Zidane.

(31) Havia outras diferenças entre os dois times. Em primeiro e óbvio lugar, a história. O Brasil cinco vezes campeão do mundo e seis vezes finalista, a França só uma. Brasil o país do futebol vencedor, França o país do futebol vistoso mas perdedor. Como os times se pareciam em outros quesitos, o peso da história de cada um talvez fosse decisivo. Um lado com o peso do seu sucesso histórico, tendo que ser sempre igual ao seu passado. O outro com o peso das suas frustrações históricas, tendo que superá-las. **Mas** no fim a história decidiu de outra maneira: Zidane jogou pela sua história pessoal. Se sua legenda, na hora do ocaso como jogador, estava precisando de uma sobrevida consagradora, ela foi assegurada ontem. A legenda ficou maior do que antes. (crônica 29 – 02/07/06, 3ª coluna)

Finalizando, constata-se em (32) o emprego de *mas* PE com valor de ênfase (cf. exemplo 14), expressando um discurso de lamento, que se aproxima de um desabafo do enunciador. Tal sentimento de desagrado já se marcava desde o início do texto “Como é chato ser só um espectador na festa dos outros”. No entanto, ele é destacado no final com o uso do *mas* PE “**Mas** como é chato ser neutro.”

(32) Como é chato ser só um espectador na festa dos outros. Eu tinha razões práticas para torcer para que a Argentina eliminasse a Alemanha. Tinha razões sentimentais para querer que Portugal chegasse às finais. Mas, entre França e Itália, meu coração não balança. Meu coração já foi pra casa.

No fim, acho que vou torcer por jogadores, não pelos seus times. Foi uma Copa sem estrelas. Esperemos que no último jogo seja consagrado o herói que está faltando. Tanto pode ser o Zidane quanto o Cannavaro. Será uma forma de neutralidade. **Mas** como é chato ser neutro. (crônica 36 – 09/07/06, 1ª e 6ª colunas)

4- CONCLUSÃO

O Globo – Futebol , assunto inevitável ... Copa, Parreira ...
VERISSIMO – A Copa, tirando o futebol, foi ótima. Quanto à nossa seleção, a imagem mais marcante que ficou não foi a de nenhuma jogada espetacular, *mas* a do Parreira de mãos nos bolsos. O que diz tudo. (Entrevista de Luis Fernando Verissimo a *O Globo*, 24/09/2006) [grifo nosso]

Constatou-se que o item lexical *mas*, presente em 35 dos 36 textos do *corpus*, teve 117 ocorrências, sendo, em todas, classificado como conjunção.

Comparando os usos do *mas*, segundo sua posição nos enunciados, quanto à frequência com que apareceram no *corpus*, percebeu-se que *mas* OR, com 46%, e *mas* PE, com 41%, sobressaíram. Em seguida, houve *mas* PR (4%) e, por fim, os casos menos recorrentes : *mas* TE , *mas* TE (SN) e *mas* CO – cada um com 3% do total das incidências.

Desse modo, verificou-se nessas crônicas de Verissimo o uso do *mas* para relacionar desde pequenos segmentos de texto, como termos, estendendo-se para orações, períodos, até parágrafos e partes maiores de texto, corroborando, assim, opinião de Azeredo (1999: 116) para quem o processo de coordenação “estabelece relações discursivas, por isso desconhece os limites da oração”.

Quanto a seu valor semântico, o *mas* sinalizou contraste, com algumas variações desse sentido: ressalva, quebra de expectativa, retificação (no caso de *mas* TE SN), contestação e eliminação. Além disso, marcou adição (em expressões correlativas), progressão temporal e ênfase.

Tendo em vista o gênero textual crônica que constituiu o *corpus*, apresentando-se, em sua maioria, sob a forma de colunas, observou-se que essas colunas puderam tratar de assuntos diferentes, não havendo, assim, entre elas, nenhuma marca lingüística de coesão ou de coerência. Dessa maneira, percebeu-se que, nos casos em que o *mas* PR ocorreu, houve uma relação entre esses textos, sinalizada por esse articulador textual, apropriando-nos da denominação de Santos (2003). Assim, observou-se a incidência de *mas* PR, marcando progressão temporal e contraste.

Por sua vez, referindo-se aos casos em que o *mas* PR relacionou contrastivamente proposições não adjacentes ou segmentos maiores com várias proposições, o *mas* identificou-se como *mas* intermediário, para nos valermos de uma classificação de Rodrigues (1993).

Devido às marcas da oralidade presentes nos textos do *corpus*, conferindo-lhes característica de “conversa” entre o cronista e o leitor, o *mas* PE e o *mas* OR puderam assumir valores de ênfase e de contestação, respectivamente.

Em relação ao sentido básico de contraste do *mas* ou a alguns de seus matizes, verificaram-se casos de *mas* OR, *mas* PE e *mas* PR em que eles se apresentaram enfatizados por “também” e por expressões concessivas. Além disso, em usos de *mas* PE, acompanhados por uma negação gramatical ou por outro tipo de recusa (“É mentira”), chegaram a sua gradação mais forte: eliminação.

Pôde ainda o *mas* ser empregado junto a marcadores de atenuação como “não entendo de... e não sei se... *mas*”, “*mas* sei lá” que, imprimindo incerteza ao enunciado em que incidiram, diminuíram a imposição do que estava sendo veiculado nele. Dessa forma, o enunciador preveniu-se quanto à possibilidade de haver reações desfavoráveis ao que era expresso por ele.

Em expressões correlativas como “não só ... *mas*” e “não somente ... *mas*”, o *mas* CO enfatizou a idéia de adição dos dois enunciados.

Quanto ao emprego do morfema negativo no enunciado precedente ao *mas*, no caso de *mas* TE (SN), teve-se a negação polêmica; no de *mas* OR, a negação descritiva, sendo assim considerados os argumentos do outro: “Mesmo quando precedido de uma negação, essa negação deixa ecoar nela o argumento do outro.” (Pinto, 1989:125).

Observaram-se casos em que o *mas*, independentemente de seu ponto de inserção, sinalizou contraste, ressalva (com exceção de *mas* TE SN e *mas* CO), veiculando em seu enunciado uma “idéia-problema” que, quando relacionada propriamente à temática do futebol, orientou argumentativamente para conclusões como: “algo de errado está acontecendo com a seleção brasileira”, “os jogos estão ruins”, “Ronaldo está muito parado”, “os jogadores não acertam o gol”, dentre outras. Desse modo, o discurso veiculado foi o de desagrado, decepção, frustração. Pôde-se ilustrar tal situação em

As defesas estão mais compactas, a marcação está mais vigorosa, o jogo bem tramado tornou-se uma relíquia de pátio de escola. **Mas** o volume de chutes a gol que vão longe do gol só tem uma explicação: os caras não sabem mais chutar. (crônica 32 – 05/07/06, 4ª coluna)

Houve no excerto seguinte a veiculação de uma proposição que, embora não apresentasse o *mas*, pôde constituir-se nessa representação discursiva de “situação-problema” do item lexical:

Se fosse uma história policial, um bom título seria “O mistério do interregno”. Pois o que está exigindo elucidação, acima de qualquer outra coisa, é **o que aconteceu no período entre a vitória brasileira na Copa das Confederações e a derrota brasileira na Copa do Mundo. Entre o evento que criou todas as expectativas de um sucesso brasileiro na Copa, e o evento que frustrou estas expectativas, e deprimiu uma nação inteira. O que foi que aconteceu?** (crônica 31 – 04/07/06, 2ª coluna)

Por outro lado, existiram casos em que o *mas*, relacionando também enunciados contrastivos, com uma gradação, na maior parte das vezes, de ressalva, apontou para um discurso que buscou ser otimista, relevar as “situações-problema”. Assim, “há o problema”, mas ... “vamos deter-nos no lado positivo” ou “devemos ser esperançosos, a situação pode melhorar”, como constatou-se em

Melhorou um pouco, né? Não o bastante para ninguém dormir tranqüilo, muito menos o Parreira, *mas* o Ronaldo – que concentra nossas diversas aflições – fez duas ou três jogadas, deu o passe para o Adriano fazer o gol... Quer dizer, comparado com o nada fez no último jogo, melhorou. Consolemo-nos com pequenas dádivas. (crônica 16 – 19/06/06, 1ª coluna)

Com essas oscilações de discurso, marcadas e orientadas pelo *mas*, representaram-se metonimicamente, nesse item lexical, os momentos que envolveram a Copa do Mundo de 2006 , cujos registros de Verissimo retomaram o início de tudo: os registros da *Carta de Caminha*.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 16 edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRAGA, Rubem. *As boas coisas da vida*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

CARA, Salete de Almeida. (seleção e prefácio) *Coleção de melhores crônicas: Machado de Assis*. São Paulo: Global, 2003.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação – confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 2003.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. São Paulo: Atual, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours: elements de sémiolinguistique (théorie et pratique)*. Paris: Hachette, 1983.

COSEIRU, Eugenio. *Competencia lingüística – elementos de la teoría del hablar*. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUCROT, Oswald. “Argumentação e ‘topoi’ argumentativos”. In: GUIMARÃES, Eduardo. (org.) *História e sentido na linguagem*. Campinas, Pontes, 1989, p. 13-38.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Denir Camacho. *A metalinguagem: gramática e conflito nas crônicas de Luis Fernando Verissimo*. Rio de Janeiro: UERJ. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), 2002.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

- GOUVÊA, Lúcia Helena Martins; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & RIBEIRO, Patrícia Ferreira Neves. “Estratégias argumentativas nos discursos sociais e suas aplicações didáticas”. In: HENRIQUES, Claudio Cezar (org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação: estudos de língua e lingüística*. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2003, p. 88-100.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo das conjunções do português*. São Paulo: Pontes, 2001.
- HARTUIQUE, Deise Luci Luiz. “Crônica jornalística: um gênero ambíguo de texto”. In: GAVAZZI, Sigrid & PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 144-150.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. “O padrão escrito contemporâneo: mídia, manuais de redação e adjacências”. In: AZEREDO, José Carlos de. (org.). *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 172-195.
- _____. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2003.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. “Mas era primavera...” In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989, p. 129-148.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*, 36 edição retocada e enriquecida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- MADEIRA, Ana Maria Gini. *Da produção à recepção: uma análise discursiva das crônicas de Luis Fernando Verissimo*. Belo Horizonte: UFMG. Dissertação (Mestrado em Lingüística), 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora. DIONISIO, Ângela Paiva. MACHADO, Anna Rachel (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: 2003, p. 19-36.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

- OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. “Categorias do modo argumentativo de organização do discurso e relatores”. In: GÄRTNER, Eberhard et alii, Eds. *Estudos de lingüística textual do português*. Frankfurt, TFM, 2000. p. 173-190.
- _____. “Concessão e produção de textos”. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita & MOLLICA, Maria Cecília (orgs.). *Espaços e interfaces da lingüística e da lingüística aplicada*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, p. 89-96. [Cadernos Didáticos / UFRJ; 17]
- _____. “Língua padrão, língua culta, língua literária e contrato de comunicação”. *Cadernos do Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. 7 (10): 83-93. Rio de Janeiro. 2004.
- OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- PERELMAN, Chaim & OLBRECHTS –TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2001.
- PERROTTI, Edna Maria Barian. *O processo de conexão de orações no texto: coordenação ou subordinação?* São Paulo: PUC: SP, Tese de Doutorado, 1992.
- PINTO, Maria Viviane do A. V. C. *Mundo, mas linguagem: uma leitura semântica da conjunção mas*. Campinas: Unicamp, Dissertação de Mestrado, 1989.
- RODRIGUES, Andréa. *Para uma descrição do mas no discurso falado*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado, 1993.
- SANTANA, Denis Maria Rodrigues de. “Substantivo e formalismo vocabular no gênero ‘editorial’”. In: GAVAZZI, Sigrid & PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. *Texto e discurso : mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 110-119.
- SANTOS, Leonor Werneck dos. *Articulação textual na literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- VENTURA, Zuenir. “Jornalismo e literatura: alianças e diálogos”. In: AZEREDO, José Carlos de. (org.) *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 41-51.
- VOGT, Carlos & DUCROT, Oswald. “De *magis* a *mas*: uma hipótese semântica”. In: VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. Campinas: Fundação de Desenvolvimento da Unicamp, 1980, p. 103- 128.

ANEXOS